Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel

RECORTES DE JORNAIS, ARTIGOS DE REVISTAS SOBRE OS FILMES:

- O PREÇO DA ILUSÃO

-FOGO MORTO

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Coordenação: Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

1 Índice por número

O Preço da Ilusão	
Nº	**Referência / Descrição / Notas**
001	MIGUEL, Salim. Sul cine produções: o preço da ilusão. **Panorama**, Curitiba, ano 8, n.73, p. 4-9
002	NÃO ouviu mas conta o Zum Zum da cidade. Zum Zum, Florianópolis, ano 1, n.1, p. 11, jan. 1960.
003	CINEMA na ilha luzes, câmera, ação. 30 de mar. de 1996.
004	ALÃO, Alícia. Curta resgata: o preço da ilusão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 de ago. de 2007. Variedades p. 3
005	Cinema. **Diário Catarinense,** Florianópolis, 29 de nov. de 1992. Revista DC , p. 13
006	PIRES, Zeca. Os 40 anos do primeiro longa-metragem catarinense. **Fala Bernunça**: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p. 6, jul. ago. 1997.
007	BARRO, Máximo. O preço da ilusão: a história secreta de um filme polêmico. **Fala Bernunça**: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p.7, jul. ago. 1997.
008	MENEZES, Ana Cláudia. Jornalista resgata “o preço da ilusão”. A Notícia Santa Catarina. 03 de fev. de 2001. Anexo p. c3
009	LIMA, Jeferson. O preço da Ilusão: 45 anos depois. A Notícia, 9 de jun. de 2002, Memória, p. 8
010	PESSOTTO, Carla. História de SC em rede nacional. **A Noticia Santa Catarina**, 10 de maio d e2003. Anexo, Em foco, p. C6
011	GIORDANO, Rafaela. A chegada do cinema na capital. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 d ejun. De 2003. Memória, variedades, p. 3
012	BUSS, Deluana. Homenagens ao filme que ninguém viu. **A Notícia Santa Catarina**, 18 de set. de 2003, Anexo, p. 3
013	MENEZES, Ana Cláudia. Sete Dias de vanguarda. **A Notícia Santa Catarina**, 01 de dez. de 2002, Anexo C6.
Fogo Morto	
014	BARROS, Miguel. Filme brasileiros nos festivais de Cannes e Berlim. **Rio Sul,** Ano 1, n. 3, p. 36-40, jun. 1976
015	DANTAS, Jorge. Fogo Morto dos Canaviais a Berlim. Revista do Coifa, n.73, p. 4-7, 1976

2 Cópias de documentos digitalizados

3 Índice por autor

Autor	Nº	Referência / Descrição / Notas
ALÃO, Alícia.	004	ALÃO, Alícia. Curta resgata: o preço da ilusão. Diário Catarinense, Florianópolis, 23 de ago. de 2007. Variedades p. 3
BARRO, Máximo	007	BARRO, Máximo. O preço da ilusão: a história secreta de um filme polêmico. Fala Bernunça: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p.7, jul. ago. 1997.
BARROS, Miguel	014	BARROS, Miguel. Filme brasileiros nos festivais de Cannes e Berlim. **Rio Sul,** Ano 1, n. 3, p. 36, jun. 1976
BUSS, Deluana.	012	BUSS, Deluana. Homenagens ao filme que ninguém viu. A Notícia Santa Catarina, 18 de set. de 2003, Anexo, p. 3
DANTAS, Jorge	015	DANTAS, Jorge. Fogo Morto dos Canaviais a Berlim. **Revista do Coifa**, n.73, p. 4-7, 1976
GIORDANO, Rafaela	011	GIORDANO, Rafaela. A chegada do cinema na capital. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 d ejun. De 2003. Mmória, variedades, p. 3
‘	009	LIMA, Jeferson. O preço da Ilusão: 45 anos depois. A Notícia, 9 de jun. de 2002, Memória, p. 8
MENEZES, Ana Cláudia	013	MENEZES, Ana Cláudia. Sete Dias de vanguarda. A Notícia Santa Catarina, 01 de dez. de 2002, Anexo C6.
MENEZES, Ana Cláudia	008	MENEZES, Ana Cláudia. Jornalista resgata “o preço da ilusão”. A Notícia Santa Catarina. 03 de fev. de 2001. Anexo p. c3
MIGUEL, Salim	001	MIGUEL, Salim. Sul cine produções: o preço da ilusão. Panorama, Curitiba, ano 8, n.73, p. 4-9
PESSOTTO, Carla	010	PESSOTTO, Carla. História de SC em rede nacional. A Noticia Santa Catarina, 10 de maio d e2003. Anexo, Em foco, p. C6
PIRES, zeca	006	PIRES, Zeca. Os 40 anos do primeiro longa-metragem catarinense. Fala Bernunça: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p. 6, jul. ago. 1997.
	002	NÃO ouviu mas conta o Zum Zum da cidade. Zum Zum, Florianópolis, ano 1, n.1, p. 11, jan. 1960.
	003	CINEMA na ilha luzes, câmera, ação. 30 de mar. de 1996.
	005	Cinema. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 de nov. de 1992. Revista DC , p. 13

001	MIGUEL, Salim. Sul cine produções: o preço da ilusão. **Panorama**, Curitiba, ano 8, n.73, p. 4-9

N.º 73 - Ano VIII JUNHO 1958 CURITIBA—PARANÁ

Panorama

Aos queridos
Egli Malheiros e
Salim Miguel,
com imenso
carinho
Márcia Freccia
Ilha de SC
Maio/2006

EVANGELINA VIEIRA
A MAIS BELA
CURITIBANA DE 1958

LEIA REPORTAGEM
NÊSTE NÚMERO

DOLOROSO DESASTRE
AVIATÓRIO ENLUTA
O PAÍS

Cr$
10,00

Você sabe qual é
"O PREÇO DA ILUSÃO"

?

001 MIGUEL, Salim. Sul cine produções: o preço da ilusão. **Panorama**, Curitiba, ano 8, n.73, p. 4-9

TODOS SÃO UNÂNIMES EM LOUVAR A REALIZAÇÃO COMO UMA DAS MAIS INTERESSANTES DO CINEMA NACIONAL

SUL CINE PRODUÇÕES → «O PREÇO DA ILUSÃO»

No Clube do Cinema — Primeiras tentativas — Da teoria à prática — "O Preço da Ilusão", a primeira película catarinense — Levantamento do capital — Seleção de artistas — Dificuldades de filmagem — Será exibido nos cinemas de Curitiba.

Reportagem de SALIM MIGUEL

Lilian Bassanesi e Celso Borges, ambos bons atôres, aparecem nesta foto numa das cenas de "O Preço da Ilusão".

Lilian Bassanesi e Adélcio Costa, a dupla romântica do filme da Ilha.

O Clube de Cinema de Florianópolis, como a maioria dos clubes de Cinema do Brasil, teve várias fases. Dificuldades em se conseguir filmes adequados, dificuldades em se conseguir projetor e local para as exibições, dificuldades em se organizar uma diretoria que tivesse tempo e gôsto para aquilo e, por fim, dificuldades com os próprios associados, muitos sem compreenderem o verdadeiro significado de um clube de cinema. Ora queriam filmes novos, ainda não vistos, ora queriam maior número de sessões, a preço mais baixo, ora desejavam películas desta ou daquela procedência. Por tudo isto o clube tem vivido com intermitências. Mesmo assim sua atividade foi profícua. Além de interessar um maior número de pessoas, fazendo-as apreciar os filmes sob ângulos novos, propiciou o surgimento da indústria fílmica em Santa Catarina.

A idéia de se abandonar a teorização para a prática, vinha de longe. Chega um dia em que as salas escuras não bastam. Há necessidade, da pesosa que se interessa por cinema, se experimentar, fazer também suas tentativas. Debates, discussões acaloradas em tôrno desta ou daquela escola, análise de filmes, tudo conduzia os mais inquietos, canalizava aquêle esfôrço e aquela pesquisa para um determinado fim.

Com a realização de palestras do documentarista Nilton Nascimento e do cine-clubista e teórico E. M. Santos, no Clube de Cinema de Florianópolis, surgiu a idéia de um longa metragem. Armando Carreirão, à época Presidente do Clube de Cinema, se responsabilizou pela produção. Levantaria o capital. Eglê Malheiros e Salim Miguel escreveriam o argumento, tendo por tema a vida na capital, a história pretendendo ser ao mesmo tempo crônica e painel da capital. E. M. Santos se encarregaria do roteiro e direção artística. Nilton Nascimento teria a direção. De São Paulo viriam: Eliseo Fernandes para a direção de fotografia, José Vedovato, para a direção de produção e Alberto Cunha para a maquilagem. Os demais elementos para a equipe técnica, bem como todos or artistas, seriam escolhidos em Florianópolis. Armando Carreirão começou a levantar o capital, por quo-

Adélcio da Costa, outro bom ator, aparece nesta foto ao lado de mais alguns artistas, numa das cenas.

Ilmar de Carvalho, o E. Souza do filme, em colóquio com uma figurante.

Uma das inúmeras intérpretes do filme. Também o seu desempenho é correto.

HÉRNIA

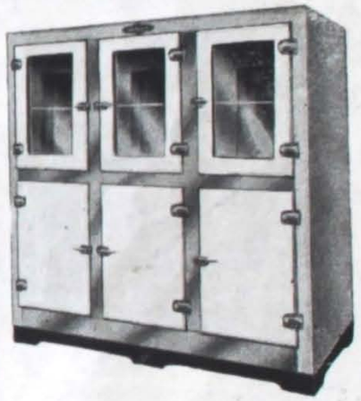
A Funda Dobbs de Almofadas Côncavas Toca no Côrpo Sòmente em 2 Lugares! Feita nos EE. UU. por Dobbs Truss Co, sem bulbos, sem correias, sem elásticos: Dobbs é 100% eficaz. Rio: Av. Rio Branco, 20 — 19º andar; São Paulo: Rua do Seminário, 41 — 4º andar

Conheça esta etiqueta!

GIOCONDO
ALFAIATE
CURITIBA

Rua Monsenhor Celso n.º 211
(Edifício "Pugsley")
3.º andar — Salas 302/303
CURITIBA

MIGUEL BADUY



Geladeiras — Sorveteiras — Câmaras e Balcões frigoríficos — Instalações especiais

TÉCNICA APRIMORADA

Fábrica e Escritório:
Rua Comendador Fontana, 161
Fones: 4-7197 e 4-7295
CURITIBA — PARANÁ

APÓS O LANÇAMENTO (JULHO) EM FLORIANÓPOLIS, «O PREÇO DA ILUSÃO» SERÁ EXIBIDO NOS CINEMAS DA CAPITAL PARANÀENSE

Emanuel Miranda, o engraxate, tem uma participação das mais destacadas.

tas. Enquanto isto os demais elementos, cada qual em seu setor, também iam trabalhando. E dentro de pouco, aquilo que para muitos pareceria uma aventura sem qualquer possibilidade de êxito, se transformava em realidade. E em maio de 1957 tiveram início as filmagens. Durante alguns meses, nos mais diferentes recantos da Ilha de Santa Catarina, podia-se observar a equipe em filmagem. O copião, já mais ou menos armado, no final da rodagem, dava uma pálida idéia do que seria o filme. Uma experiência, sob alguns aspectos por vezes nova, curiosa, no cinema brasileiro, onde teóricos e práticos se uniam e trabalhavam, pretendendo realizar um filme honesto, com conteúdo humano e acabamento artístico.

Terminada a filmagem, começaram as dificuldades para a conclusão do filme. Nos laboratórios o filme foi se arrastando. Enquanto isto, em Florianópolis, a turma do "eu não disse . . ." se punha a murmurar. Contudo, de maneira lenta, contornando as dificuldades que iam surgindo, o pessoal ia trabalhando. E agora já se pode anunciar o lançamento da película, que se dará em julho. "O Preço da Ilusão" não será mais uma vã ilusão.

Um dos pontos mais curiosos da película, foi a seleção de artistas. Procurando fazer alguma coisa nova, dentro da escola neo-realista italiana, os atores foram todos êles selecionados entre a população de Florianópolis, através de concursos e testes. Assim, além de se criar um clima específico, teve-se a grata satisfação de se encontrar algumas revelações artísticas.

Uma história que é ao mesmo tempo crônica e painel de uma capital, com duas histórias principais desenroladas em contraponto e de onde várias outras se bifurcam, o filme era um teste para a equipe técnica e os atores. Uma das histórias conta a vida de uma jovem que se vê envolvida num concurso para Rainha do Verão, em Florianópolis, todos os inumeráveis tipos que gravitam em tôrno de tais concursos e as modificações que isto traz à vida da moça, pretendendo-se com isto mostrar o lado interno de certos concursos; a história narra as simples aventuras de um garoto, engraxate, que ajuda a sustentar a família e que sonha em possuir o seu "Boi de Mamão", popular dança folclórica catarinense. Contando com apenas dois papeis centrais e cêrca de oitenta pessoas com participação de importância relativa, além de centenas de figurantes, pode-se dizer que os verdadeiros "artistas" do filme são a cidade de Florianópolis e a ponte Hercílio Luz. Praias, ruas, bares, becos, recantos pitorescos, praças e jardins, mercado, e em especial a ponte, atravessam o filme de ponta a ponta, dão-lhe uma fisionomia própria, particular, característica. Ali, então, uma humanidade como tôdas, com seus sonhos e desilusões, esperanças e desventuras, se locomove. E a câmera procura captar com precisão tudo aquilo.

Lilian Bassanesi, jovem terceiranista de direito, selecionada entre centenas de outras, faz a candidata a Rainha do Verão. Emanuel Miranda, garoto de 11 anos, estudante, depois de se sujeitar a longos testes entre muitos outros, faz o engraxate Maninho da Silva.

Em tôrno dêstes dois gravitam os demais personagens, sendo os de mais destaque: Ilmar Carvalho, conhecido jornalista e "public relation", que faz o organizador do concurso E. Souza, saindo-se da incumbência de maneira brilhante; Adélcio da Costa que faz o que se convencionou chamar de "galã", com uma interpretação sóbria e precisa; Celso Borges, já com alguma experiência, pois que trabalhou em "Rio 40 graus", de Nelson Pereira dos Santos, faz de maneira correta e difícil o papel de Dr. Castro; Mário Morais interpreta de maneira convincente o papel de Mário, pai do garoto engraxate; Miro Morais, um conhecido cronista social de Florianópolis; José Vedovato, já com participação em diversos filmes paulistas, destacando-se sua participação no filme "Dioguinho", além de diretor de produção, interpreta ainda o jornalista Assis.

Dentre as jovens, cumpre destacar Edy Morais, Dinéa Maia, Cileide Costa, Zeni Gonçalves, Imaculada Gaspar, um grupo de bonitas garotas fazendo as demais candidatas. E há ainda a turma de garotos que fazem os companheiros de Maninho da Silva, todos com uma atuação sincera e que por certo irá surpreender.

Todos os que têm acompanhado os trabalhos de laboratório, os que têm visto o copião, são unânimes em louvar a realização, como uma das mais interessantes do cinema nacional.

"O Preço da Ilusão vem aí. Sua estréia se deverá dar em julho, em Florianópolis. Logo em seguida a película será lançada em Curitiba.

E a "Sul-Cine Produções" não pretende ficar nêste primeiro filme. Enquanto aguarda o lançamento de sua primeira película, vem realizando uma série de jornais e documentários intitulados "Notícias de Santa Catarina", preparando-se ao mesmo tempo para o segundo longa metragem.

O tradicional "Boi de Mamão", dança folclórica catarinense, também aparece.

AS ABELHAS

APISERUM

A SERVIÇO DA HUMANIDADE

RUA DR. MURICÍ N.º 650
Edif. Augusta - 4.º and., conj. 41
Fone: 4-5223
CURITIBA - PARANÁ

CASA HERTEL

Cordas e todos pertences

INSTRUMENTOS DE
* Corda
* Sopro,
* Madeira,
* Metal, etc.

Harmoniuns "BOHN"
PIANOS
ACORDEONS (gaitas)
estrangeiras e nacionais.

DISCOS
de tôdas as marcas.

Praça Dr. Gen. Marques, 52
Telefone: 4-3174
CURITIBA — PARANÁ

002	NÃO ouviu mas conta o Zum Zum da cidade. Zum Zum, Florianópolis, ano 1, n.1, p. 11, jan. 1960.

ZUM ZUM

Ano 1 - nº. 1 - Florianópolis (S. C.) - Janeiro 1960- 20,00

AS

Os Tecidos Renaux são afamados pela fixidez de suas côres e acabamento moderno, feito com todo esmero.

A Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A., foi fundada em 1892 pelo Consul Carlos Renaux, pioneiro da Indústria Textil catarinense.

Em 1900 a firma Renaux estabeleceu a primeira Fiação em Santa Catarina, daí Brusque ser o Berço da Fiação Catarinense.

"Renaux" — Uma tradição da Indústria Textil Nacional.
Tecidos de alta qualidade — Côres firmes e acabamento perfeito.

NÃO OUVIU MAS CONTA O ——— ZUM ZUM

SCARAMOUCHE

DA CIDADE

um banco é um banco, é um banco, é um banco

Ninguém nega que o nosso jardim da Praça XV está pavoroso; ninguém ignora que, até hoje, cada reforma feita ajuda um pouquinho... a piorar; ninguém desconhece que uma **reforma** das reformas é mais do que necessário. Por tudo isto só merece louvores a iniciativa do novo Executor do Acôrdo Florestal, propondo-se a colaborar com a Prefeitura, vindo ao encontro da administração que ora se inicia e pondo uma pessoa à disposição do Prefeito, sem onus para os cofres municipais, para o trabalho de remodelação.

Tudo isto é muito louvável e digno de encômios. O que não nos parece louvável é a maneira como tudo vai ser feito, sem uma consulta prévia, sem um estudo e que o conhecido jardinista encarregado da reforma, queira fazer o serviço ao seu talante, dentro de um espírito que verdadeiramente não é o florianopolitano. Não concordamos. Bancos coletivos e enormes, substituindo os nossos feios, modestos banquinhos tão apropriados para os gostosos bate-papos ilhéus. Não e não! Sabemos mesmo que uma lista de protesto já se esboça, vai correr entre os aposentados, especialmente. Já imaginaram os nossos quase 60 mil aposentados protestando, não tendo onde aquentar sol e falar da vida alheia! Já imaginaram o nosso senador Alcides Ferreira, eleito pela turma da figueira, o único senador honorário, perdendo o seu fiel eleitorado! Florianópolis, como um único homem, num só grito, se erguera num protesto coletivo: agradecemos a cooperação de todos os que conosco quizerem colaborar, o jardim precisa mesmo ser melhorado, transformando num "jardim" mesmo, as barbaridades que ali estão precisam desaparecer. Mas vamos antes estudar a cidade, sua gente, seus hábitos, sua psicologia própria. E mudar para melhor — usando, e bem oportunamente no caso, um slogan político.

Ainda a propósito da figueira, pessoa que nos merece inteira confiança nos contou uma história que narraremos ràpidamente, procurando manter o mais possível a linguagem do "transmissor". O nosso mui prezado Des. e Prof. Fontes, ao ser aposentado, veio imediatamente se apresentar ao estado maior da figueira. Esteve por ali até que fôsse novamente chamado à ativa, quando da criação da Faculdade de Filosofia, para a qual foi nomeado diretor.

A W. Linhares Publicidade lançou a "bossa nova" na publicidade em Florianópolis e outras cidades do Estado. Além da propaganda no interior de ônibus, está executando ótimos desenhos publicitários. Muitos de ZUM ZUM, inclusive o desenho do título, foram "craneados" pela turma do Walter.

Com a morte do jornalista Jáu Guedes da Fonseca, ficou vaga a Presidência da Caixa Econômica Federal de Santa Catarina, estando a responder pela mesma o jornalista Osni Gama D'Eça. Comenta-se nas rodas de zum-zuns que o candidato com mais possibilidades é o Dr. Paulo Bauer. Mas o Dr. Wilmar Dias só esqueceria sua pretensão de ser o novo presidente se fôsse nomeado para o cargo o prof. Alcides Abreu.

Depois da gloriosa experiência de "O Preço da Ilusão", película inteiramente realizada entre nós e com gente nossa, dizem que o produtor Armando Carreirão, satisfeitíssimo com os resultados obtidos, se apresta para novo longa metragem.

Os gêmeos Apostolos, os irmãos siameses das letras catarinenses, lançaram mais um número da revista Litoral, o quarto, agora com novo formato. Comenta-se que descontentes com a pouca receptividade encontrada com a revista literária, seguindo a nova moda, a dupla de irmãos gêmeos e nascidos no mesmo dia mais famosa do sul do mundo, pretende transformar Litoral numa revista de divulgação. Lamentamos que isto aconteça, pois com isto as letras catarinenses perderão o seu único veículo de divulgação exclusivamente dedicado à literatura e artes.

Licenciando-se o Dep. Fernando B. Viegas, assumiu a presidência da UDN municipal o Sr. Esperidião (Ford) Amim — com isto dizem as más linguas que a UDN passou a acreditar no homem da cidade.

Num inquerito realizado por êste vivo colunista, a decisão final nem teve graça: foi unânime a escolha do Dep. Paulino Burigo para melhor orador do ano findo. Explica-se: nunca ocupou a tribuna legislativa.

003	CINEMA na ilha luzes, câmera, ação. 30 de mar. de 1996.

Cinema na Ilha

Luzes, câmera, ação!

Os primeiros registros que se tem de produções cinematográficas em Florianópolis datam de 1900, com a exibição de um filme, feito em cinematógrafo, chamado *Viagem para o Egito e para o Estado de Santa Catarina*. A peça teria sido produzida por H.Kaurt, e era chamada "projeção de quadros ilusionistas". Depois de um longo período em que inexistem referências sobre produções cinematográficas, especula-se que em 1926 foi filmada a inauguração da Ponte Hercílio Luz por um mascate italiano chamado Julianelli, que desenvolvia suas atividades na região de Blumenau.

De 1930 em diante, Florianópolis apenas ouve falar de certas produções locais realizadas por aventureiros na região de Blumenau, Indaial e região. A produção local inexiste.

Um dos núcleos que é tido como o maior impulsionador da produção de filmes data da década de 40 e sai da mesma célula de onde saíram os renovadores da literatura e das artes plásticas na Capital: o Grupo Sul. Além de renovar a literatura da capital, direciona suas atividades para o emergente cinema nacional.

Filme O Preço da Ilusão deu início às tentativas modernas de produção cinematográfica em Florianópolis

A primeira produção de que se tem notícia na cidade foi feita pelo Grupo Sul, que havia criado o Clube de Cinema do Círculo de Arte Moderna, segundo o livro *O Cinema em Santa Catarina*. Inicialmente o Clube apenas promovia sessões de filmes que não passavam no parco circuito comercial da cidade. Em pouco tempo, no entanto, o grupo sentiu-se seduzido pela arte de fazer filmes.

Logo surgiu a idéia de fazer um longa metragem ilhéu e, em 1956, Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires, Silveira de Souza e outros membros do Grupo Sul partiram para concretizar o sonho de um filme legitimamente florianopolitano. Influenciados pelo filme *Rio, Quarenta Graus*, de Nelson Pereira dos Santos, rodado no Rio de Janeiro em 1955, os membros do grupo partem para a produção.

Seguindo o caminho pioneiro, o grupo começa a trabalhar no filme - de claras influências tiradas do neo-realismo italiano - que foi inicialmente chamado de *Caminhos do Desejo*. Eglê Malheiros e Salim Miguel criam o argumento, o roteiro é idealizado por E.M. Santos, e Armando Carreirão se encarrega da produção. Sua primeira atitude é mudar o título do filme, que passa a se chamar *O Preço da Ilusão*.

Para conseguir as verbas para a realização do filme o grupo adota o sistema de venda de cotas, num modelo cooperativo inaugurado por Nelson com seu *Rio, Quarenta Graus*. Muitas destas cotas eram vendidas em plena Praça 15, no Centro da cidade, para políticos, aposentados e para os próprios integrantes do grupo.

Cena externa de "O Preço da Ilusão", em 1957. Filme rodado em Florianópolis e produzido pelo Grupo Sul

Muitas tentativas de produção

O elenco para essa primeira produção legitimamemte ilhoa foi escolhido em testes feitos no escritório de contabilidade de Armando Carreirão, atraindo uma quantidade enorme de gente disposta a virar astro da noite para o dia. Uma estudante de Direito (Lilian Bassanesi) foi escolhida para o papel principal. O único ator com experiência contratado foi Celso Borges, nascido em Lages, que tinha participado de *Rio, Quarenta Graus*, de Nelson Pereira dos Santos.

As locações percorreram toda a cidade, do Mercado Público à Ponte Hercílio Luz, da Praia da Joaquina aos becos e bares da cidade. Algo digno de nota foi, sem dúvida, o claro interesse social do filme com as questões de sua época.

Apenas três cópias de 35mm e uma de 16mm foram feitas de *O Preço da Ilusão* e todas desapareceram misteriosamente. Ainda assim os negativos da produção estão guardados na Cinemateca Brasileira. O filme pagou o preço de sua ousadia e, por absoluto despreparo dos envolvidos, avabou sendo um fracasso de bilheteria, pois não conseguiu o certificado de qualidade exigido na década de 50 para que fosse exibido em outros Estados brasileiros.

Apesar das dificuldades, a década de 60 revela que a cidade foi um núcleo concentrador na produção de filmes de ficção, principalmente através do Grupo Universitário de Cinema Amador (Guca), ligado à Ufsc. O objetivo do Guca era discutir, pesquisar e produzir cinema a partir deste núcleo. Entre seus ativos membros estavam Orivaldo dos Santos, Ady Vieira, Pedro Paulo Souza, Fernando Silva, Pedro Cruz e Pedro Bertololino.

Apesar de formado no início da década de 60, apenas em 1967 o grupo produziu alguma coisa. O curta-metragem *Novelo* foi feito para participar de um festival no Rio de Janeiro. Nesta época surgem figuras como Gilberto Gerlach, que acabou participando da segunda produção do grupo em 1970, o filme *A vida é curta e...* Mas as dificuldades financeiras acabaram por dissolver o grupo.

Na apaixonante arte do cinema, muitas figuras ilustres do setor cultural acabaram se envolvendo. Entre elas Rodrigo de Haro - que junto com Gerlach produziu o curta *No Elevador* -, Pedro Bertolino, Nelson Machado dos Santos, e Déborah Cardoso, entre outros pioneiros. A produção do Guca e destes novos apaixonados por cinema durou até 1974 e rendeu mais de cinco curta-metragens que tiveram boa qualidade.

FUMBESC

Quem está aderindo?

Relação, em ordem alfabética, dos municípios para os quais o Fumbesc está procedendo os estudos para a implantação de Institutos Municipais de Previdência:

Abdon Batista, Águas Mornas, Angelina, Blumenau, Campos Novos, Fraiburgo, Joinville, Mafra, Nova Veneza, Ouro Verde, Palhoça, Rancho Queimado, Salto Veloso, São Joaquim, São José, São Miguel d'Oeste, Tijucas.

FUMBESC - Construindo a sociedade previdente

Divulgação custeada pela Caixa de Assistência dos Empregados do SFBESC

004 ALÃO, Alícia. Curta resgata: o preço da ilusão. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 de ago. de 2007. Variedades p. 3

CINEMA

Curta resgata *O Preço da Ilusão*

Remake do primeiro longa-metragem catarinense está em fase de finalização

FOTOS DIVULGAÇÃO

Athena Beal interpreta a bela Maria da Graça em *Desilusão*, produzido e dirigido por Marco Stroisch e Bob Barbosa

ALÍCIA ALÃO

A história da busca pela fama se entrelaça com os encontros e desencontros que misturam ficção e realidade dentro e fora das telas de cinema.

Assim pode ser resumida a aura mítica que envolve o primeiro longa-metragem catarinense, *O Preço da Ilusão*, de 1958, e a sua adaptação para curta, *Desilusão*, já em fase de finalização.

Inspirado pelo neo-realismo italiano, o longa inaugural do cinema catarinense foi produzido por Armando Carreirão e dirigido por Nilton Nascimento, integrantes do chamado Grupo Sul, grupo modernista surgido em Santa Catarina no final dos anos 1940.

Considerado um fracasso de público e de crítica – por problemas na montagem, edição e sincronismo na sonorização –, o filme foi visto por quase ninguém. A película está misteriosamente desaparecida, da qual restam apenas os sete minutos finais arquivados no Museu da Imagem e do Som (MIS), no Centro Integrado de Cultura (CIC), na Capital. A consulta é possível sob agendamento pelo telefone (48) 3953-2325.

Motivados pela proposta de resgatar o argumento original, escrito por Eglê Malheiros e Salim Miguel, os cineastas Marco Stroisch e Bob Barbosa refizeram o roteiro, produziram e dirigiram o curta *Desilusão*.

– É um desperdício que um argumento tão bom, feito por dois grandes escritores, não tenha resultado num produto de igual qualidade. O tema da busca pela fama, explorado por eles naquela época, é hoje ainda mais forte na sociedade contemporânea – afirma Bob, para quem é um dever realizar o filme, que dedica como presente aos roteiristas originais.

Em comum, os filmes têm o aproveitamento de pessoas que interpretam a si mesmas, o trabalho com atores inexperientes, câmeras escondidas e Florianópolis como cenário. No original, a ação principal se passa no Centro e a última cena na Ponte Hercílio Luz. A adaptação foi transferida para o Bairro Caeira do Saco dos Limões e o acidente final ocorre dentro do Túnel Deputada Antonieta de Barros, que liga o bairro ao Centro.

– A troca foi necessária porque a história é a crônica de uma cidade pequena, nas palavras de Salim Miguel. Como a cidade cresceu, optamos por uma comunidade e o túnel revela esse desenvolvimento – explica Marco Stroisch.

Personagem principal sonha ser eleita a rainha da bateria

Maria da Graça, a personagem principal, é interpretada por Athena Beal no curta e deseja ser a rainha da bateria da Escola de Samba Consulado. No original, a moça quer ser eleita a Rainha do Verão. Quem faz o papel atual de Maninho, o garoto humilde que cruza o destino de Maria no momento derradeiro, é Rudinei Pereira, de oito anos, que deseja montar um grupo de boi-de-mamão, assim como no antigo longa. A busca pela fama e expressão da cultura popular são mantidas na segunda versão.

A produção e as filmagens de *Desilusão* já foram feitas no primeiro semestre deste ano e o curta está em fase de finalização. A produção foi possível com recursos do edital Cinemateca 2005, cuja última parcela foi liberada esta semana. Falta a gravação da trilha sonora, mixagem, encaixe de som e música e a última etapa, o "transfer", transferência do formato digital para a película 35 milímetros, que será feita em São Paulo.

O filme deve ficar pronto até o final de setembro, quando terá exibição fechada para a equipe e imprensa. Por tratar-se de um curta-metragem, Bob Barbosa acredita ser bastante difícil exibi-lo em salas de cinema, mas pretende inscrevê-lo em diversos festivais.

– Tudo depende do interesse que ele despertar – afirma Bob.

alicia.alao@diario.com.br

Um mistério envolve o filme original

Ao falar de *O Preço da Ilusão*, tanto Bob Barbosa quanto Marco Stroisch disparam a contar histórias fabulosas. O trabalho de conclusão do curso de jornalismo de Marco, há sete anos, foi justamente sobre filme, idéia sugerida pelo amigo de infância Bob.

Filme ficou em cartaz por uma semana e, após briga, material desapareceu

A pesquisa rendeu livro e um documentário chamado *O Filme que Ninguém Viu*. O material, que pode ser consultado no MIS sob agendamento, inclui fotos dos bastidores das filmagens, as entrevistas transcritas, o roteiro original e uma seleção de recortes de jornais e revistas.

Antes do lançamento, o filme foi incensado pela imprensa nacional, com artigos publicados inclusive na revista *O Cruzeiro* e no jornal *O Estado de S. Paulo*. A estréia muitas vezes adiada ocorreu no extinto Cine São José, na Capital, em 18 de setembro de 1958, com desfile dos atores sobre carro de som. Constatado o fracasso, pouco se falou do longa, que desapareceu em circunstâncias esdrúxulas.

De acordo com a pesquisa de Marco, o filme teria ficado em cartaz por uma semana e existe a hipótese, não confirmada, de ter excursionado pelo Estado. Foi feita uma remontagem, com regravações de cenas e outros atores, mas devido a uma briga entre produtor e montador, o material teria se perdido.

Nos anos 1970, sem que os envolvidos com a produção tivessem conhecimento, o filme foi exibido num programa da TV Gazeta sobre cinema brasileiro. A cópia completa nunca mais foi vista. Uma década depois, o roteirista Salim Miguel encontrou, por acaso, a última das sete latas do filme, que está no MIS.

Marco apurou que uma das principais críticas em relação ao filme foi sobre o material, que não era suficiente para um longa. Veio daí a opção de se fazer um curta. Miguel e Eglê Malheiros permitiram aos jovens cineastas que fizessem a adaptação, desde que não participassem do processo já que estavam tão envolvidos com o filme original.

Houve até uma situação curiosa, quando o octogenário Miguel cruzou com Bob e Marco fazendo gravações para o curta. Convidado a participar como figurante, o escritor manteve a palavra inicial.

– Só queremos ver o resultado final. Foi frustrante para nós, na época, ver que o nosso argumento não tenha rendido um bom filme. Espero que o curta tenha realização bastante positiva – afirma o escritor.

005 | Cinema. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 29 de nov. de 1992. Revista DC , p. 13

ções ou apoio, fomos à luta. Montamos um espetáculo teatral - peças em um ato de Shaw, Pirandello, Sartre pela primeira vez no Brasil. No Teatro Álvaro de Carvalho, em 1948! Com os parcos recursos da bilheteria tiramos o primeiro número da *Sul*, todo composto a mão. A partir do terceiro número, já no governo de Aderbal Ramos da Silva, conseguimos autorização para rodar a revista no Ioesc, fornecendo o papel e gratificando o pessoal pelas horas extras. Não satisfeitos, começamos as Edições Sul. O filme foi num esquema semelhante, com venda de ações. Saturados de ver cinema de

"Cansados da leitura e discussão de textos, resolvemos partir para uma revista. Sem recursos ou apoio, fomos à luta"

arte, inquietos, decidimos: por que não fazemos nosso filme? Fizemos *O Preço da Ilusão*.

DC - Abstraídas as dificuldades, e a produção sem recursos, o filme sobreviveria como um documentário de época ou como uma certidão de inquietude cultural?

SM - Lamento que o filme esteja desaparecido. Não tanto por seus méritos artísticos, mas porque era um retrato de uma Florianópolis sumida no tempo. Mais de 70% foram rodados em exteriores. Foi um momento inventivo, abstraídos os critérios de valor. Foi uma experiência que conjugava o cinema italiano de um Rosselini, o expressionismo alemão, o documentarismo, as realizações de um Nelson Pereira dos Santos.

DC - Como foi, para você, conciliar durante tanto tempo a atividade jornalística com a literatura?

SM - Jornalismo profissional foi gosto e sobrevivência; literatura uma necessidade interior de realização pessoal. No meu caso não houve entrechoque violento, mas convivência pacífica. O jornalismo me deu agilidade; com a literatura busquei um domínio maior sobre a escrita.

DC - A história de que você lia romance em voz alta para um amigo cego, dono de livraria em Biguaçu, parece extraída de um conto de Borges. É verdade que foi essa amizade que fermentou seu interesse pela literatura?

SM - Depois de devorar a biblioteca de Biguaçu e de ler e reler até os anúncios de todos os jornais e revistas que encontrava, um dia me armei de coragem e invadi a livraria de J. M. Cego. Foi bom para ele e para mim. Ele tinha ânsia de saber; eu de saber e ler, sem dinheiro.

DC - Depois de *Rede*, seu primeiro romance, vieram mais dois romances e seis livros de contos. A que atribui a circunstância de que foi no conto que seu nome ganhou maior densidade, especialmente depois de *A Morte do Tenente e Outras Mortes*?

SM - Na verdade, me satisfaria mais ter sido crítico ou ensaísta. Sou ficcionista por teimosia, provar que posso fazer, ao contrário de um Guido ou um Boos, que possuem o dom. Insatisfeito, durante um bom tempo parei de publicar - não de escrever. Quando voltei para a ficção me dividi entre romance e conto. Sem falsa modéstia, me dou bem em ambos. Reconheço: minha literatura não é fácil. *A Morte do Tenente* ... pode ser visto como uma novela desmontável, temas e histórias se interligam através de personagens recorrentes, de uma frase, uma imagem, uma situação. E meu último romance publicado, *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*, quadro da minha geração e suas inquietações, num painel de Florianópolis e Biguaçu, se desdobra em contos.

ARQUIVO DC

O Preço da Ilusão nasceu de pessoas inquietas e saturadas de assistir a filmes de arte. O argumento e o roteiro são assinados por Eglê Malheiros e Salim Miguel

DC - Todo romancista costuma manter com suas criaturas uma relação de severa autocrítica. Você aprova os seus, gosta mais de uns do que de outros? Seu melhor romance é o que está por vir?

SM - Todo o autor deve querer que seu melhor livro seja o que se encontra em processo de criação. Caso contrário é parar. Claro que se possuir autocrítica poderá concluir que tal ou qual cena está melhor realizada, que tal ou qual personagem se revelou melhor em sua estrutura, em sua psicologia, em sua inserção dentro do mundo ficcional. E por que não real? Nada sai do nada. Minha literatura se nutre do que

"Voltei para a ficção e me dividi entre romance e conto. Me dou bem em ambos e reconheço: minha literatura não é fácil"

sou, do que intuo, do que aprendi, de pessoas que conheci e que transplantei para o universo mítico e real de Biguaçu.

DC - O processo criativo é para você mais inspiração que tortura? Você é, como Marques Rebelo, um torturado da forma?

SM - O exemplo de Marques Rebelo é pertinente. É raro um texto meu publicado que não tenha passado por cinco ou seis versões. Acredito numa chama inicial, que nos leva a escrever e que é gostosa como um orgasmo. Depois é o podar, o cortar como se cortasse na própria carne. Uma tortura. Cada vez que termino um trabalho me sinto vazio, esgotado, imagino que nada mais farei. Até que num dia, tudo recomeça.

DC - Por que é que Santa Catarina, tendo movimento literário dinâmico, nunca explodiu no olimpo nacional de escritores? O Estado não tem acústica para produzir celebridades ou é o Brasil que tem preconceito com escritores regionais?

SM - A pergunta pode ser ampliada: por que Santa Catarina, com tudo que possui de significativo, não explodiu? Não só no campo das letras e das artes Santa Catarina não tem acústica. Santa Catarina não sabe trabalhar seus produtos. Há, claro, uma centralização cultural, raríssimos nomes se projetam a partir dos seus Estados (um Érico Veríssimo), São Paulo e Rio dominam a cena. Impõem por vezes valores nem tão válidos. Pergunto: o mesmo não ocorre com o Brasil? Ontem, a França. Hoje, os Estados Unidos. Somos um País culturalmente periférico. Os Estados Unidos nos empurram o que têm de pior, *best-sellers* e filmes de linha de montagem. Conhece-se mais o que lá se produz do que, por exemplo, a importantíssima literatura hispano-americana. Ou a africana. É imprescindível romper o círculo, tanto em termos nacionais como estaduais. Temos em Santa Catarina, em quase todos os setores culturais, nomes que mereciam ser mais conhecidos até mesmo entre nós. Exemplo: o romance de Harry Laus publicado na França, que ainda não conseguiu editor nacional.

DC - O que nos reserva a gaveta de Salim Miguel em novos projetos literários?

SM - Aposentado, me dedico com mais afinco à minha obra. Tenho, numa editora de São Paulo, *As Várias Faces*, novela em três atos. Trabalho em outra, que não sei se se chamará *Primeiro de Abril* ou *A Vida Horizontal*, subtítulo *Relatos da Cadeia*. Preparo novo volume de contos. Seleciono artigos de crítica, resenhas, entrevistas e palestras para o terceiro volume do *Castelo de Frankenstein*, pois num tal castelo que se preze deve caber absolutamente tudo. E faço pesquisa e anotação para um novo e ambicioso romance. ■

■CINEMA

O Preço da Ilusão (primeiro e único longa metragem realizado em Santa Catarina), argumento e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros, Florianópolis, 1957. *O Caminho Certo*, documentário. Argumento, roteiro, texto e direção, Florianópolis, 1958. *Santa Catarina 62*, documentário. Argumento, roteiro e texto, Florianópolis, 1962. *Vale o Progresso*, documentário. Argumento, roteiro e texto, Florianópolis, 1964. *A Cartomante* (baseado no conto de Machado de Assis), Rio de Janeiro, 1974, adaptação e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Farias. *Fogo Morto* (baseado no romance de José Lins do Rêgo), Rio de Janeiro, 1976, adaptação e roteiro em colaboração com Eglê Malheiros e Marcos Farias.

■PREFERIDOS DO AUTOR

Na literatura brasileira de ontem e de hoje: Machado de Assis (*Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *D. Casmurro*); Graciliano Ramos (*Memórias do Cárcere*); Jorge Amado (*A Morte e as Mortes de Quincas Berro D'Água*); Antônio Callado (*Quarup*); João Ubaldo Ribeiro (*Sargento Getúlio*); Luiz Antônio Assis Brasil (*Videiras de Cristal*) e Moacyr Scliar (*O Exército de um Homem Só*).

No cinema: *Cidadão Kane*, de Orson Welles; *Encouraçado Potemkin*, de Sérgio Eisenstein; *Em Busca do Ouro*, de Charles Chaplin; *Rastros de Ódio*, de John Ford; *O Tesouro de Sierra Madre*, de John Huston; *Janela Indiscreta*, de Alfred Hitchcock; *Amarcord*, de Federico Fellini.

■OBRA E ESTILO

Velhice e Outros Contos, 1951; *Alguma Gente, Histórias*, 1953; *Rede*, romance, 1955; *O Primeiro Gosto*, contos, 1973; *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, contos, 1979; *A Voz Submersa*, romance; *Dez Contos Escolhidos*, 1985; *O Castelo de Frankenstein*, vols. I e II, 1986/1990; *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*, romance, 1987; *As Areias do Tempo*, contos, 1988. Participação em mais de uma dezena de antologias.

Assinalada pelo conto, a obra de Salim Miguel é também caracterizada por romances que são contos encadeados. Sobre *O Primeiro Gosto* escreveu o crítico literário Hélio Pólvora: "Salim é um observador atento e solitário, que extrai seus contos do real. O cotidiano é a fonte que alimenta o seu conto (...)".

FALA BERNUNÇA

JORNAL DA FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES - FLORIANÓPOLIS - ANO V - Nº 21 - JUL/AGO-97

NO TRAÇADO DAS FITAS

006 PIRES, zeca. Os 40 anos do primeiro longa-metragem catarinense. **Fala Bernunça**: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p. 6, jul. ago. 1997.

O PREÇO DA ILUSÃO

Os 40 anos do primeiro longa-metragem catarinense

Como um grupo de abnegados tentou fazer, em 1957, um filme que tivesse o jeito da Ilha

As diversas histórias que o nosso primeiro longa-metragem, *O Preço da Ilusão*, proporcionou nesses 40 anos de existência certamente dariam outro filme. Aos moldes de *A Noite Americana*, de François Truffaut, o novo *O Preço da Ilusão* poderia se chamar *A Ilha da Ilusão*, ou outro título qualquer, mas o certo é que o segundo argumento seria mais emocionante que o original. Quem sabe um dia não encaremos esse desafio?

Por enquanto, vamos relembrar algumas histórias do quadragenário filme, realizado pelo Grupo Sul.

Qualquer morador da Capital já deve ter ouvido alguma história sobre a produção de *O Preço da Ilusão*. Rodado em 1957, o filme movimentou toda a pacata Florianópolis da época. Foi uma grande aventura. Ninguém tinha experiência em produção cinematográfica. Mas uma força interior empurrou o projeto da moçada à frente, como revelou Salim Miguel: "Chega um dia em que as salas escuras não bastam. Há necessidade da pessoa que se interessa por cinema se experimentar, fazer também suas tentativas".

Assim, a dupla Eglê e Salim Miguel criou o argumento e depois, juntamente com E. M. Santos, o roteiro. Com 70% de cenas em exteriores, o roteiro pretendeu ser a crônica de uma cidade, a partir da construção de suas histórias em contraponto. A primeira, de um pequeno engraxate que cria um livro de ouro para arrecadar fundos para construir um boi-de-mamão, e a segunda, de candidatas que vendem votos para se elegerem no concurso Rainha do Verão. As duas histórias se encontram num final trágico, no qual um carro desaba da ponte Hercílio Luz e os sonhos dos protagonistas vão igualmente por água abaixo.

O incansável Armando Carreirão, com seu "tino comercial", encarou a produção geral do primeiro longa catarinense. Seguindo o modelo cooperativo de produção da época, ele parte para a venda de cotas: cada sócio teria participação nos lucros de distribuição. Entre os cotistas estavam o ex-governador Aderbal Ramos da Silva, o professor Aníbal Nunes Pires, o empresário Oscar Cardoso Filho e o próprio Armando Carreirão. Muitas destas ações eram vendidas na praça XV de Novembro, no centro da cidade, e até os aposentados de cadeira cativa participaram como cotistas.

O elenco foi escolhido em testes feitos no próprio escritório de contabilidade de Carreirão. "Apareceram pessoas das mais variadas camadas sociais, atraídas pela idéia de virarem, do dia para a noite, artistas de cinema. Minha sala ficou intransitável", relembrou o produtor, que, mais tarde, fechou o escritório por causa das dívidas do filme. O diretor Nilton Nascimento, o diretor artístico e co-roteirista Emanuel Santos e, ainda, o diretor de fotografia Eliseu Fernandes vieram de outros estados.

Como locações principais foram utilizadas a ponte Hercílio Luz, o Mercado Público Municipal, as ruas estreitas do centro, praias, bares e recantos pitorescos da Ilha. Além do elenco principal, participaram centenas de figurantes. "Praticamente toda a cidade apareceu no filme", ressaltou Salim Miguel. A campanha publicitária da pré-estréia propunha: "Venha assistir ao *Preço da Ilusão*, quem sabe você não aparece no filme?"

A estréia foi anunciada e adiada diversas vezes, devido a atrasos no laboratório paulista. Inicialmente prevista para 7 de julho, ficou para 31; a seguir foi transferida para agosto e, depois, para setembro. Finalmente, em 7 de dezembro de 1958 aconteceu o *avant-première* de *O Preço da Ilusão*. Uma verdadeira noite de gala. Em grande estilo, os atores desfilaram em carro aberto pelas ruas de Florianópolis, com a presença do governador Heriberto Hülse e do prefeito Osmar Cunha. A pré-estréia foi bem divulgada, mas pessimamente executada. Não houve a preocupação de projetar o filme antes da exibição oficial e, no momento fatal, verificou-se a má qualidade da fita.

O grande mérito de *O Preço da Ilusão* foi sua própria realização. Numa cidade rarefeita às artes, e numa época em que as equipes profissionais muitas vezes abandonavam um filme inacabado, diante das dificuldades, pode ser considerada uma vitória um grupo de amadores, com pouquíssimos recursos, ter levado a tarefa até o fim. Porém esses poucos recursos e esse amadorismo foram também a ruína do filme, pois defeitos técnicos fizeram com que a censura não lhe concedesse o certificado de "Boa qualidade". Desta forma, o filme não atingiu o circuito de distribuição nos cinemas comerciais. Foi um fracasso! Um fracasso com algumas histórias bem sucedidas, como brincou Salim Miguel: "O diretor Nilton Nascimento, por exemplo, é, até hoje, casado com a protagonista da fita, a bela Lilian Bassanesi".

As cópias e os negativos de *O Preço da Ilusão* foram quase que totalmente perdidos ao longo desses 40 anos, em que pese as inúmeras tentativas que eu e muitos outros pesquisadores empreendemos à procura dos mesmos. Hoje, existem apenas os sete minutos finais do filme, cujos negativos estão depositados na Cinemateca Brasileira, parte dos quais utilizei em meu documentário sobre a ponte Hercílio Luz. Na Cinemateca está também toda a banda sonora do filme, que tive a oportunidade de copiar quando estava finalizando *Ponte* em São Paulo. Apesar da péssima qualidade do som, podem-se ouvir algumas interessantes canções criadas, na época, pelo professor Osvaldo Ferreira de Mello. Nos diálogos, nota-se a intenção dos roteiristas de imputar ao filme uma leve crítica à sociedade provinciana da cidade, mas também observa-se o tratamento amador dado à dublagem.

Revendo o trecho final diversas vezes na moviola, pude constatar momentos de bela fotografia e também problemas de montagem e erros de continuidade. Como, por exemplo, na apoteótica cena final, quando o ônibus entra na ponte com o nome do destino "Curitiba" e, na mesma cena, sai com o nome "Especial".

Concluindo: acredito que nesses 40 anos de história o filme *O Preço da Ilusão* suscitou inúmeros interesses e discussões, sejam eles a respeito da produção, do conteúdo e da técnica, sejam acerca de sua forma. Porém, embora ainda muito se possa especular sobre as imagens que lograram sobreviver ao tempo, ou das que se perderam nessas quatro décadas, é inegável que todo o contexto se constitui em excelente testemunho para que historiadores, sociólogos, antropólogos e outros estudiosos desenvolvam interpretações significativas e plurais desse período.

A maioria das histórias relatadas acima já é do conhecimento de muitas pessoas e estão detalhadas no livro *O Cinema em Santa Catarina*, do qual fui co-autor. Todavia, uma história tão ou mais interessante que o primeiro *O Preço da Ilusão*, e muito pouco conhecida entre nós, é a da refilmagem, que o pesquisador Máximo Barro relata na página ao lado, no artigo "A história secreta de *O Preço da Ilusão*".

Zeca Pires
Pesquisador, cineasta e mestrando em História na UFSC (com o projeto Cinema e História)

007 BARRO, Máximo. O preço da ilusão: a história secreta de um filme polêmico. **Fala Bernunça**: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p.7, jul. ago. 1997.

O PREÇO DA ILUSÃO

A história secreta de um filme polêmico

Pesquisador que participou do projeto narra algumas passagens desconhecidas sobre o filme

A primeira vez que ouvi falar em *O Preço da Ilusão* foi em 1957. Naquele momento eu era contratado da produtora ítalo-brasileira Paulistânia Filmes nos cargos de assistente de direção e montador do seu primeiro filme, *O Pão que o Diabo Amassou*, e ainda cumprindo contrato fiz, no ano seguinte, *Macumba em Alta*, ambos dirigidos por Maria Bassaglia e interpretados por Jaime Costa.

Eliseu Fernandes Nodi, que fora iluminador de *O Preço*, apareceu então na Cinematográfica Bandeirante, hoje Links Filme, que a produtora alugara para as duas produções, convidando-me para montar o filme catarinense, cousa que meus compromissos, naquele momento, impediam.

Eu e Eliseu nos conhecíamos desde 1948, quando éramos alunos do Seminário de Cinema do Museu de Arte de São Paulo.

Anos depois, enquanto participávamos de reuniões, congressos, associações, comissões e sei mais o quê, em defesa do cinema nacional, ele aos poucos foi me inteirando do que tinha sido a aventura catarinense.

Primeiramente, ele era o único que dispunha de algum descortino cinematográfico, pouco significativo se lembrarmos do que ele próprio realizara até 1957, como assistente. Assim mesmo, rigorosamente, era o único que tinha um "olho", incluindo mesmo o diretor Nilton Nascimento, que até ali só filmara jornais cinematográficos.

Foi Eliseu quem escolheu, em São Paulo, o material elétrico e de câmera, creio que daqui não levando qualquer assistente, sendo formada em Florianópolis a tal *Equipe Cavalcanti*, que o Grupo Sul constituiu especialmente para produzir o filme.

Foi também ele quem supervisionou a montagem e a sonorização, mas deixo bem claro que não foi o montador. Caso não esteja enganado, a sonorização foi realizada nos estúdios do produtor Mário Sydow, na rua Bahia (SP), onde posteriormente Eliseu finalizaria os jornais de Armando Carreirão. O próprio Carreirão pode informar melhor sobre este aspecto.

Voltei a ouvir falar no *Preço* por volta de 1962, quando estava montando *A Ilha* e *O Cabeleira*. Salim Miguel estava em São Paulo para cuidar de assuntos do Festival de Cinema (*). Foi quando conheci essa figura ímpar de intelectual e amigo.

Simultaneamente entrou no circuito o produtor Antonio Thomé. Eu já o conhecia desde 1959, quando ele trabalhava como eletricista num filme de Mazzaropi, *As Aventuras de Pedro Malazarte*. Pouco depois era assistente de produção e diretor de produção. Julgo que os conhecimentos que fizera nesse período no meio cinematográfico, mais o apoio que recebia de Marli Marley e a amizade com Eliseu, levaram-no ao plano de refilmar *O Preço*. Não sei como o Carreirão entrou nessa nova fase, mas tudo indica que o intermediário fora Eliseu, que sempre lutou para que o filme tivesse um fim mais glorioso do que o da interdição da censura por carência artística.

Quando Eliseu e Thomé me consultaram para uma reedição, deixei claro para eles que vira o filme uma única vez, em sessão especial, e achei deprimente. Antes de mais nada precisava vê-lo de novo para avaliar.

Uma nova projeção, no Masp, reconfirmaria minha opinião anterior. Avisei que para receber visto de censura o filme deveria perder pelo menos 30 minutos de material comprometedor, que ia de tomadas desfocadas e mal iluminadas a interpretações abaixo de qualquer parâmetro, fora de *sincro*, enxertos esdrúxulos, com o evidente endereço de aumentar a metragem.

Após nova visão na moviola, podendo parar e meditar mais longamente, propus ao Eliseu e ao Thomé a inclusão de outra personagem paralela às histórias já existentes, como única forma de chegarmos à minutagem exigida pela censura para um longa metragem. Parte dessas cenas seria filmada em Florianópolis, durante o Festival, e outras em São Paulo.

Foi feito um acerto entre o Carreirão e o Thomé, do qual nada sei porque não participei, e tudo ficou mais fácil quando a atriz Irene Kramer, que viajaria com a delegação paulista, aceitou fazer a tal personagem. Dessa forma os gastos seriam apenas com negativo, câmera e laboratório.

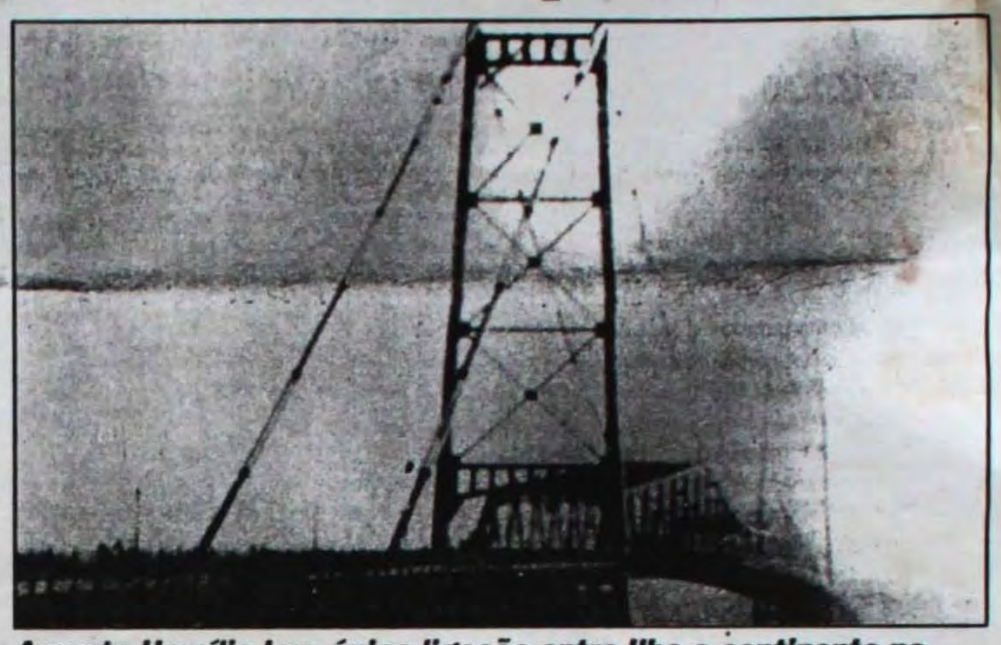
No momento das refilmagens a dedicação do Carreirão foi de grande utilidade, conseguindo todos os trajes das atrizes que haviam filmado em 1957. Incrivelmente, elas os haviam conservado! Usávamos dublês sempre de costas porque, logicamente, elas haviam envelhecido. Ainda mais incríveis eram os exteriores onde ocorriam as refilmagens, praticamente imutáveis.

Durante os sete dias do Festival filmávamos os exteriores de manhã e à tarde. O único interior foi filmado num hotel onde o Mário Civelli, artista de São Paulo que vinha com freqüência a Florianópolis, era hóspede de carteirinha.

Em São Paulo, nos estúdios da Agostinho Martins Pereira Produções, filmamos uma boate, com *play-back* cantado por Marly Marley. A última tomada do filme foi simulada no viaduto Maria Paula, próxima ao estúdio, quando os garis da Prefeitura varreriam os jornais do dia seguinte com a manchete do carro caindo da Hercílio Luz.

A dublagem foi feita na Gravason, ainda hoje funcionando, e com dubladores profissionais, que deram uma postura inteiramente diferente da primeira versão.

Antes de desmontar a cópia original que, por motivos econômicos, usei como copião da nova versão, exigi que fizessem uma redução em 16mm para preservar historicamente o que havia realizado aquele bando de abnegados. Nesse momento ainda existia outra cópia em 35mm, de Carreirão, que a escondeu durante o Festival porque receava que alguém quisesse projetá-la. Ele não estava errado porque a hipótese foi ventilada. Parece que essa cópia mais tarde foi perdida em projeções clandestinas que o Mário Morais, homem ligado ao teatro local, fazia todas as vezes em que se encontrava em complicações financeiras - que, infelizmente, não eram poucas.



A ponte Hercílio Luz, única ligação entre Ilha e continente na época, tem presença marcante no filme pelo seu final trágico

O problema maior que eu enfrentava nesta nova versão era a música. Havia um disco de grande diâmetro, 33 rotações, que continha grande parte das músicas originais, gravadas por uma orquestra regida pelo maestro Collaciopo, com muitos riscos e chiados. Mas era a única coisa que tínhamos, e com ele deveria mixar. Meu projeto, já durante as filmagens, era utilizá-lo ao mínimo, mas precisava usá-lo. Era uma questão ética. O maestro também fizera parte daquele exército de Brancaleones.

Nesse momento tive uma desavença com o Thomé. Desiludido, entreguei todo o material pronto para a mixagem, com o negativo de imagem já cortado e remontado. Faltava apenas filmar os créditos.

Nunca mais me interessei pelo trabalho. Imaginava que dependendo apenas de mixagem logo mais o veria numa tela.

Anos depois assisti na TV Gazeta ao filme (era abril de 1970 - minha mulher lembra com clareza da data por causa de um incidente com minha filha), ainda na sua forma primeira, certamente a cópia em 16mm que obrigara o produtor a fazer.

Por várias vezes foi consultado acerca de onde poderiam estar o negativo, cópias, copião, pistas de som, etc., ainda com o Thomé vivo. Logicamente remetia os interessados a ele. Por sua vez ele dizia que o material ficara depositado numa prateleira, em local que fora invadido por águas, durante um temporal, estragando tudo. Não sei, realmente, se aquilo era verdade. O próprio Eliseu, que tanto lutara, esmoreceu.

A última dessas consultas foi durante um entrevero havido em Florianópolis, em conseqüência de um artigo do Sylvio Back, afirmando que havia uma cópia em São Paulo. O problema chegou ao Carreirão, que pediu ajuda ao Eliseu. Este procurou-me pedindo que atendesse ao Carreirão, porque ele estaria filmando. Pouco antes ele falara com a tal pessoa que projetara o filme na TV Gazeta, e que segundo sua descrição era muito confuso. Para piorar, naquele momento ele estava num hospital se restabelecendo de um desastre de automóvel.

Fui receber o Carreirão na Rodoviária, às 5h da manhã, levei-o ao hotel que lhe haviam destinado e depois fui trabalhar. Naquele dia eu estava mudando minha produtora. Quando, à tarde, o Carreirão voltou a aparecer e viu a situação em que me encontrava, pediu constrangido que eu continuasse a mudança, indo ele sozinho visitar o suposto homem. Creio que nada conseguiu.

Numa das tantas vezes em que Eglê e Salim Miguel estiveram em São Paulo, nos congressos de literatura, levei-os ao Museu da Imagem e do Som, onde, ao lado do José Vedovato, técnico que colaborou no projeto, deram um depoimento sobre o filme. O Nascimento me prometera que iria, mas no último momento desistiu.

É tudo o que sei sobre o filme. Como pesquisador, trabalhador do cinema nacional e professor de uma faculdade com especialização em cinema, faço votos que a briosa garotada que hoje volta a despertar interesse pelo filme tenha mais sorte do que nós.

Máximo Barro
Pesquisador, professor e cineasta

(*) A 1ª Semana do Cinema Novo Brasileiro, realizada em Florianópolis de 1º a 7 de setembro de 1962.

008 MENEZES, Ana Cláudi. Jornalista resgata "o preço da ilusão". A Notícia Santa Catarina. 03 de fev. de 2001. Anexo p. c3

8

Jornalista resgata "O Preço da Ilusão"

Livro "O Filme que Ninguém Viu" recupera história da importante obra cinematográfica

ANA CLÁUDIA MENEZES

Florianópolis — Um filme do qual poucos se lembram mas que, desde a sua noite de estréia, em 18 de setembro de 1958, entrou para a história do cinema e da cultura catarinense. Quarenta e dois anos depois, "O Preço da Ilusão", dirigido por Nilton Nascimento e primeiro longa-metragem produzido no Estado, ganha uma pesquisa inédita, publicada em livro por Marco Stroisch a partir de seu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

Muito falado mas pouco visto, "O Preço da Ilusão" é um filme rodeado de lendas. Foi justamente esse o motivo que levou Stroisch a começar a pesquisar sobre o tema. No último ano de faculdade e na hora de decidir sobre o assunto de seu trabalho final, o jornalista pensou em escrever sobre a trajetória do cinema catarinense a partir das últimas experiências levadas para as telas. Até que um amigo lhe falou sobre a película perdida, "de um filme que ninguém viu", mas que havia mobilizado a sociedade florianopolitana da sua filmagem até a pré-estréia no Cine São José.

O livro "O Filme que Ninguém Viu" começa com um depoimento pessoal de Marco Stroisch, contando como chegou ao assunto, e continua nos capítulos seguintes explicando a trajetória do filme. Para isso, o autor contou com as preciosas informações do escritor Salim Miguel, que na época tinha 33 anos e foi autor do argumento de "O Preço da Ilusão" ao lado da mulher e também escritora Eglê Malheiros.

DESFECHO DRAMÁTICO

Rodado em Florianópolis e com cenas externas feitas num estúdio montado no Teatro Álvaro de Carvalho, o filme conta duas histórias paralelas que no final vão se entrelaçar num dramático desfecho. Numa dessas histórias, a bela Maria da Graça, personagem interpretada pela atriz lageana Lilian Bassanesi, recebe o irrecusável convite para participar do concurso Rainha do Verão. Cansada da vida entediante de funcionária pública, Maria da Graça rompe com o namorado ciumento e com a família e decide concorrer. Ao mesmo tempo, o menino Maninho (Emanuel Miranda), filho de mãe rendeira e pai apostador em briga de canários, sonha em ter um boi-de-mamão e, para isso, corre um livro-ouro entre os amigos para tentar juntar o dinheiro necessário.

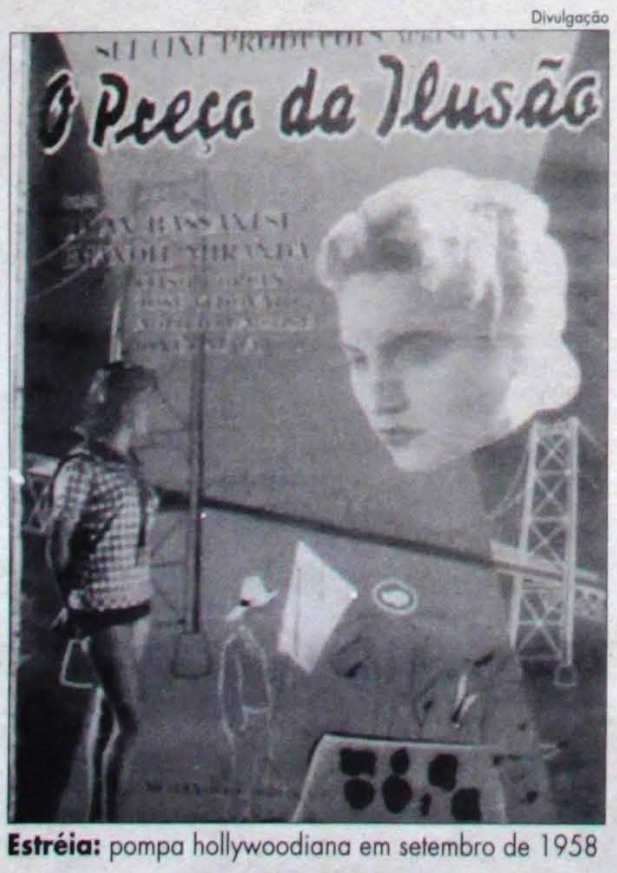
Depois de persuadir Maria da Graça a participar do concurso, que ela vence, Edmundo Souza (Ilmar Carvalho) tenta agora convencê-la a se entregar ao influente e poderoso "doutor". Mas uma vez ela não resiste e momentos depois, envergonhada, decide deixar a pacata cidade, bastante conservadora na época. Maninho, por sua vez, está contente: consegue reunir os trocados para o seu boi-de-mamão. A alegria dura pouco. Com a mãe doente e a resistência do pai em dar o dinheiro da briga dos canários para a compra de remédios, Maninho se vê obrigado a tal responsabilidade.

Ele corre para a farmácia enquanto Maria da Graça, desesperada, sai com seu carro pela ponte Hercílio Luz. Chove muito e a moça enxerga um vulto em sua direção. Ela freia a tempo, mas bate na proteção da ponte e cai da ponte. O menino, amedrontado, larga o dinheiro.

O tal falado filme foi visto por um grande público numa noite considerada de gala para a cidade. Mas a noite ficaria marcada também por um acontecimento que não estava no roteiro. "Já nas primeiras cenas, era nítido para os componentes da equipe o estrago cometido pelos montadores paulistas. As seqüências foram embaralhadas numa edição que não fazia sentido. Pouca coisa ali lembrava o roteiro original", registrou Marco Stroisch em seu livro, editado em apenas 15 exemplares.

Depois de tantos erros na cópia projetada na tão esperada noite de estréia, Marco Stroisch conta em seu livro que o filme voltou a São Paulo para uma remontagem. Dessa vez, com a participação de dublês, já que muitas atrizes já não guardavam o mesmo vigor físico de alguns anos atrás.

Divulgação



Estréia: pompa hollywoodiana em setembro de 1958

Ricardo Mega

Autor Marco Stroisch pesquisou sobre filme rodeado de lendas que, desde sua estréia, entrou para a história da cultura de Santa Catarina

Frases

"As pessoas se deslumbravam com o clima hollywoodiano que as envolvia. Toda a fachada do cinema estava iluminada. Eram holofotes para todos os lados, cortesia do Corpo de Bombeiros. Uma passarela recebia as estrelas que ali chegavam depois de desfilarem pela cidade em carro aberto. Por ela também passaram convidados especiais, como o governador Heriberto Hülse e o prefeito Osmar Cunha."

"A sessão já se encaminhava para o final. Na tela, Maria da Graça, em seu quarto, mexia numa caixa de jóias. Uma cena nostálgica, lenta. Maria estava desnorteada. Ao mesmo tempo em que lembrava de Paulo, a voz de dr. Castro não lhe saía da cabeça: 'Vamos deixar no passado as coisas do passado'. Uma triste composição musical acompanhava seus pensamentos e penetrava na silenciosa sala de projeção. Antes de cair em prantos, Maria da Graça abandonou sua caixa de jóias sobre a cama. Um estrondo gelou o sangue da platéia nesse instante. O simples toque de uma caixa de madeira sobre o colchão proporcionou um barulho comparável à explosão de uma bomba. Depois do susto, o público deixou escapar uma sonora gargalhada. 'Era uma bomba de Hiroshima', como descreveria mais tarde Salim Miguel. Naquele momento, Salim também riu.

(...) A platéia, no entanto, demonstrou muita simpatia. Apesar dos problemas, e da péssima qualidade da cópia, ninguém deixou a sala antes de o filme acabar. Na hora dos cumprimentos, Salim e Eglê tentaram uma saída à francesa pela porta dos fundos, que dava na rua Visconde de Ouro Preto. Tudo em vão. Próximo à saída, esbarraram com o badalado colunista social Zury Machado:
— Parabéns ao ilustre casal!
— Parabéns coisíssima nenhuma! Nós queremos é fugir desse vexame — retrucou o ilustre casal."

"O escritório de Armando Carreirão (produtor) nunca mais seria o mesmo. A divulgação de que ali se realizariam os testes para a escolha do elenco tornaram a pequena sala intransitável. Além do rádio e dos jornais, a notícia corria boca a boca pela cidade. A idéia de virar estrela de cinema da noite para o dia mexeu com a cabeça de pessoas de todos os tipos, principalmente das moças. E era preciso um grande número delas, já que a história tratava de um concurso de beleza. No escritório elas desfilavam, falavam e posavam para fotografia. Das mais de 200 concorrentes, Lilina Bassanessi ficou com o papel principal. Garota do interior que estudava direito na Capital, cativou a equipe com sua beleza e facilidade de comunicação. Como atriz, ela passaria a se chamar Lilian, pois assim soava melhor.

Idéia é transformar roteiro em romance

Florianópolis — Apesar dos problemas técnicos, o neo-realista "O Preço da Ilusão" foi incluído entre os filmes importantes do Cinema Novo brasileiro. Tanto que, em 1962, participantes do Grupo Sul, como Salim Miguel e Eglê Malheiros, promoveram a 1ª Semana do Cinema Novo Brasileiro em Florianópolis, atraindo pessoas de todo o País em busca de uma nova linguagem cinematográfica e cultural.

De volta a São Paulo, o filme ganhou a participação de novos personagens, como a cantora de cabaré Marly Marley, que convenceu o produtor Antônio Thomé a incluí-la na remontagem. Por causa de um desentendimento entre Thomé e Máximo Barro, responsável pela reedição da película, "O Preço da Ilusão" nunca chegou a sua versão final.

Às lendas que rondaram o filme que ninguém teria visto acrescenta-se o mistério. Atualmente, apenas sete minutos do longa-metragem estão à disposição do público, no Museu da Imagem e do Som (MIS) de Santa Catarina. A cópia foi feita em VHS, a partir do filme encontrado na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, pelo próprio Salim Miguel. Além da cópia, bem precária, explica Marco Stroisch, o MIS dispõe ainda do roteiro original, da fita cassete com parte da banda sonora e do livro "O Filme que Ninguém Viu", para consulta.

PERÍODO IMPORTANTE

A idéia de Stroisch é transformar o roteiro em romance e continuar as pesquisas sobre o polêmico filme. Apesar do fracasso da obra, ele acredita que o resgate dos vários episódios que envolveram a sua produção e exibição registram um período importante para Florianópolis. "Vale como registro histórico, pois aquela cidade não existe mais, está totalmente transfigurada", explica o jornalista, nascido em Florianópolis.

Outro fato que ele destaca como interessante foi o processo de seleção dos atores e atrizes para o filme. Salim Miguel era um dos responsáveis pela tarefa, indo para a rua e escolhendo o elenco. O único com experiência era o lageano Celso Borges, que interpretou o interesseiro dr. Castro, e que havia trabalhado com Nelson Pereira dos Santos em "Rio 40 Graus". (ACM)

Arquivo pessoal Salim Miguel

Salim Miguel atuou na lendária produção

Anexo
suplemento de A NOTÍCIA

COMO PARTICIPAR DO ANEXO:
POR TELEFONE/ (0XX47) 431-9114 E 431-9121
POR FAX/ (0XX47) 431-9100
PELA INTERNET/ anexo@an.com.br
POR CARTA/ RUA CAÇADOR, 112 CEP/ 89.203-610

Editora /Néri Pedroso
Editor-assistente /Rubens Herbst e Maria Regina Moraes
Coordenação em Florianópolis/ Régis Mallmann
Repórteres/Ana Cláudia Menezes, Jeferson Lima (Florianópolis)
Programação visual/Anderson Luis Corrêa
Ilustrações e artes/Luís Gustavo Meneghim
Editor de fotografia/Silvio Reinert
Tratamento de Imagens/Luiz Carlos Fagundes

009 LIMA, O preço da Ilusão: 45 anos depois. A Notícia, 9 de jun. de 2002, Meória, p. 8

A incipiente produção cinematográfica catarinense vive um ano de esplendor com a produção de dois longas-metragens, edital de cinema e formatura da primeira turma de cinema e vídeo da Unisul

O PREÇO DA ILUSÃO, 45 ANOS DEPOIS

JEFERSON LIMA

"Eu não agüento mais falar disse filme", brinca o jornalista e escritor Salim Miguel, 78 anos, ao ser perguntado pela enésima vez sobre "O Preço da Ilusão", primeira aventura cinematográfica catarinense no campo da ficção, realizado em 1957 e até hoje celebrado como o único longa-metragem genuinamente do Estado. Depois de "O Preço", somente no final dos anos 80 houve uma produção ficcional com maior freqüência, com diversidade de diretores, mas mesmo assim restrita a Florianópolis.

Essa geração de novos cineastas das décadas de 80 e 90 plantou boas sementes e a cidade vive um ano atípico, com a produção de dois longas-metragens, quatro curtas, vídeos e até o final do ano, a formatura da primeira turma de cinema e vídeo da Universidade do Sul (Unisul), campus de Palhoça, a única faculdade do gênero do Sul do país.

Embora Salim esteja calejado de falar de "O Preço da Ilusão", parece que as novas gerações não querem esquecer o filme. É o caso do jornalista Marco Stroisch, 27 anos. Vencedor de um dos prêmios de pesquisa do edital de cinema do governo do Estado de 2001, ele prepara o roteiro de um documentário ainda sem um formato definido. Stroisch está nas fases finais da pesquisa e pensa em mesclar depoimentos com ficção.

Paralelamente ao projeto de Marco, dois alunos das fases finais de cinema e vídeo da Unisul, Marx Vamerlatti, 25 anos, e Daniel Marés, 22, desenvolvem um trabalho semelhante. Com orientação da cineasta e professora Lena Bastos, eles gravaram entrevistas e fizeram algumas pesquisas. Nesta semana, Marco, Marx e Daniel resolveram juntar forças. Marx e Daniel vão elaborar o documentário em vídeo, com depoimentos já captados com os participantes dos filmes e Marco vai cuidar mais da escrita do seu projeto de pesquisa e compor o roteiro para o documentário em longa-metragem.

Os pesquisadores não conseguem encontrar alguns participantes do filme, principalmente o ator Emanoel Miranda, o projecionista Osmar Silva e familiares do já falecido Celso Borges. Quem tiver alguma informação pode informar Stroisch pelo telefone 222-7496 ou pelo e-mail: marcostroisch@yahoo.com.

RAINHA

"O Preço da Ilusão" é uma crônica de Florianópolis com crítica social em duas histórias em contraponto. São dois protagonistas, uma moça que deseja ganhar o concurso de rainha da praia e um menino que sonha em fazer um boi-de-mamão. Interpretada por Lilian Bassanesi, a funcionária pública Maria da Graça vence o concurso de Rainha do Verão por conta de seus amigos, que compram a maioria dos votos para eleger a moça. Terminada a eleição, Maria da Graça resolve deixar a cidade. Mas ao comunicar sua decisão a Dr. Castro, seu patrocinador, os dois começam a discutir com o carro em alta velocidade e, ao passar pela ponte Hercílio Luz, ele perde a direção do automóvel, bate na grade de proteção e cai da ponte. Um menino vê a cena, se espanta e grita.

A outra ponta do filme retrata a vida de Maninho, um menino de 8 anos que trabalha de engraxate e vendedor ambulante para ajudar sua mãe, que faz rendas de bilro. Seu pai vive envolvido com brigas de canário e o pouco dinheiro que ganha aposta no jogo. O desejo do menino e de seus amigos é ter um boi-de-mamão e para realizar o sonho organizam um livro para arrecadar dinheiro, mas na cidade ninguém quer saber do "boi", pois estão todos preocupados com o concurso "Rainha do Verão". A mãe do menino adoece e Maninho vai à farmácia comprar remédios. No caminho, ao passar pela ponte, vê o desastre com o automóvel. No final do filme as duas histórias — que até então se entrelaçavam — encontram-se num desfecho comum: "Os sonhos se acabam".

Dirigido por Nilton Nascimento, o filme teve sua noite de pré-estréia na noite de 18 de setembro de 1958, no cine São José, que fica na rua Arcipreste Paiva, aos fundos da catedral e onde hoje funciona uma igreja evangélica. Com direito a desfile do elenco em carro aberto e tapete vermelho na porta do cinema, o filme amargou um fracasso na primeira apresentação em função de problemas na cópia, mas com um público solidário que não vaiou. Ao contrário, chegou a vibrar com a apresentação das imagens onde aparecia a cidade de Florianópolis.

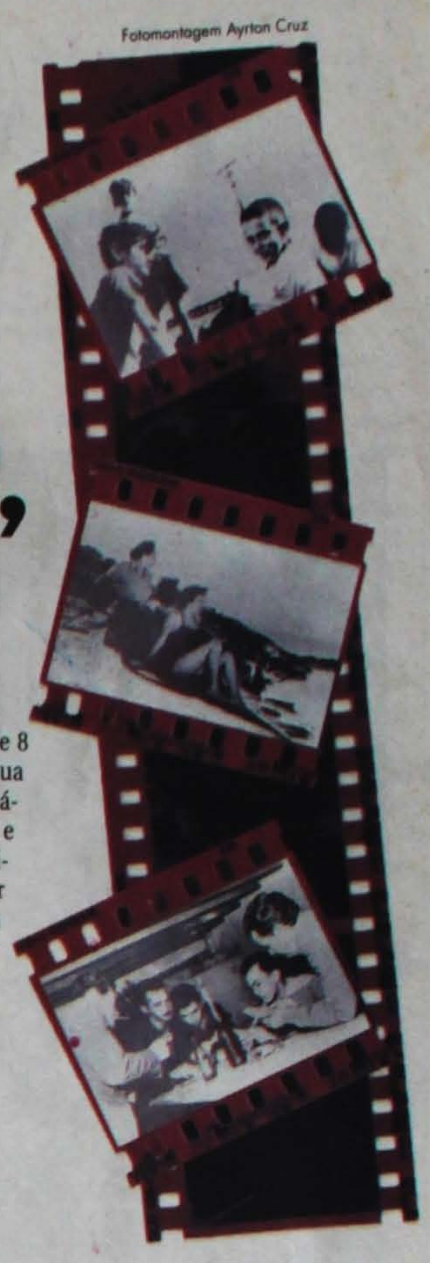
O fiasco da estréia ocorreu em função de um erro dos produtores, que não tiveram o cuidado — por falta de experiência — de assistir a fita antes da primeira apresentação para o público. O filme tinha problemas de continuidade. Durante a projeção, por exemplo, uma atriz desaparece inexplicavelmente da tela e não mais aparece mais no decorrer do filme. Misteriosamente também some um cacho de banana durante o diálogo de dois personagens.

Uma nota do colunista Zury Machado no jornal "O Estado" da época registrava a presença do governador Heriberto Hülse e do prefeito Osmar Cunha na noite de estréia. Depois da primeira projeção, a história do filme é bastante confusa. Da primeira cópia teriam sido feitas duas. Uma delas retornou para projeções em Florianópolis em 7 de dezembro. A produção ficou somente uma semana em cartaz na Capital.

Numa das apresentações pelo interior do Estado, a cópia desapareceu e, com a outra, o diretor Máximo Barro e o produtor Antônio Thomé fizeram uma reprodução em 16mm. Refizeram o filme em 1962, com novas filmagens em Florianópolis e a inclusão de um terceiro personagem, que era a própria ponte Hercílio Luz. A nova versão acabou não sendo concluída. Máximo e Thomé brigaram e esta cópia também desapareceu.

Até a década de 70 era consenso de que restava somente alguns minutos do filme e de que não havia mais uma única cópia da produção. Foi quando o programa Cinema Brasileiro da TV Gazeta anunciou a apresentação de "O Preço da Ilusão", possivelmente a cópia em 16mm feita por Máximo Barro. Muitas pessoas de Santa Catarina procuraram a emissora para conseguir o que seria a última cópia do filme. Não conseguiram. Na TV Gazeta, a informação era de que o ex-funcionário Pierre Lagousdis teria ficado com as latas. Procurado várias vezes por pesquisadores, Pierre é grosseiro e nega que esteja com o filme.

Fotomontagem Ayrton Cruz



IMAGENS INÉDITAS No alto Célio Mangrich (D); no meio, três candidatas à Rainha do Verão, e acima, Mário Morais (bigode), Emanoel Miranda e Adélcio Costa (principal papel masculino)

Produção aquece o mercado

A Grande Florianópolis acordou este ano para o cinema. Estão sendo produzidos dois longas-metragens, quatro curtas e dezenas de vídeos. No final do ano, a Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), campus de Palhoça — a única instituição na região Sul a manter uma faculdade cinema — forma a sua primeira turma. A produção da imagem em movimento no Estado teve um forte aliado, o edital de cinema do governo do Estado. Lançado com forte apelo publicitário pelo governador Esperidião Amin em 2001 através de um decreto, o edital de cinema virou lei em 2002.

A partir deste ano, Santa Catarina tem assegurada a produção anual de um longa-metragem, três curtas, dois vídeos e um projeto de filme. Os vencedores da primeira versão do edital já estão todos produzindo. O cineasta José Rafael Mamigoniam, vencedor na categoria longa, filma em absoluto silêncio a vida do fabricante de farinha e cachaça Francisco Thomaz dos Santos, o Seo Chico, brutalmente assassinato em 1996, aos 64 anos. Até hoje o crime não foi desvendado. Os vencedores dos curtas também estão no set de filmagem: São três: "L'Amar", de Sandra Alves; "Alumbramentos", da TVI-Televisão e Cinema; e "Sorria, você está sendo filmado", de Chico Caprario. Os projetos do edital tem lançamento previsto para fevereiro de 2002.

À margem do edital e com recursos da leis de incentivo à cultura, o cineasta Zeca Pires divide com José Frazão a direção do longa "Procuradas", um filme policial. Já o diretor Ronaldo dos Anjos está finalizando o curta-metragem "O Santo Mágico", baseado em novela homônima de Harry Laus, morto há 10 anos.

CONTOS

O ano de 2002 ainda reserva uma boa surpresa. Numa parceria da TVI e RBS TV vão ser filmados quatro contos de autores catarinenses com direção de Tânia Lamarca, Maria Emília de Azevedo, Laine Milan e Zeca Pires. Depois de exibidos na TV, vão ser transformadas em um longa-metragem para cinema, reunindo as quatro narrativas. Seria o terceiro longa de 2002 em Santa Catarina. A Araucária tem planos para filmar também este ano, quatro contos de Flávio José Cardoso e transformá-lo no quarto longa do ano em terras catarinenses.

A formação de um novo público de cinéfilos e cineastas tem também no Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, dirigido por Gilberto Gerlach há 30 anos, uma boa alternativa. Na cidade, somente ali é possível assistir a filmes de outra nacionalidade que não a norte-americana. E outra boa novidade do ano é a criação de uma revista de cinema, a Batoque, com previsão de lançamento para os próximo mês.

Outro forte aliado do cinema em Santa Catarina é o Florianópolis Audivisual Mercosul (FAM), com sua 6ª edição realizada nos últimos 15 dias de maio. Com longas, curtas e vídeos, a mostra lotou o auditório da Receita Federal (antigo cine Cecomtur). O público das projeções era formado essencialmente por jovens estudantes de cinema.

História de poucas imagens

As primeiras projeções em Santa Catarina aconteceram na Capital e no Vale do Itajaí, em 1900, através de cinematógrafos ambulantes, quase em simultaneidade com a invenção dos irmãos Lumière, em 1895. Conforme Zeca Pires, autor dos livros "Cinema em Santa Catarina" e "José Julianelli e Alfredo Baumgarten — Pioneiros do Cinema Catarinense", o cinema começou a ser produzido no Estado nos anos 20 e 30. Julianelli, um italiano, e Baumgarten, um blumenausense filho de imigrantes alemães, filmaram Blumenau, Itajaí, Brusque, Corupá, São Pedro de Alcântara e a inauguração da ponte Hercílio Luz, em 1926, possivelmente as únicas imagens em movimento de Florianópolis na década de 20.

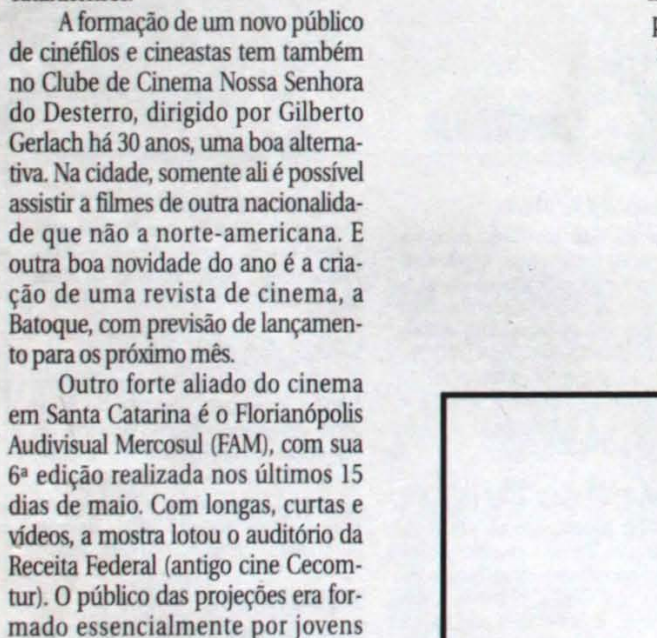
Na década de 50 é novamente em Blumenau onde há uma produção regular. O cineasta Willy Sievert produziu, até 1983, 62 jornais sobre acontecimentos locais de Blumenau em filmes mudos de 16 mm. No final da mesma década, houve a produção de "O Preço da Ilusão", em Florianópolis.

No final da década de 60 e início da de 70 forma-se na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o Grupo Universitário de Cinema Amador (Guca), com a produção de filmes experimentais em 8 e 16mm. A universidade havia recebido da Alemanha Oriental, em forma de convênio, dois projetores 35mm, 10 projetores 16mm e 10 filmadoras. Nascia, assim, o filme "Novelo", de Pedro Paulo Souza e Gilberto Gerlach. O Guca ainda promoveu a realização de "Nau Fantasma", também de Gilberto; "No elevador", de Rodrigo de Haro; e "Via Crucis" e "Olaria", de Nelson dos Santos Machado.

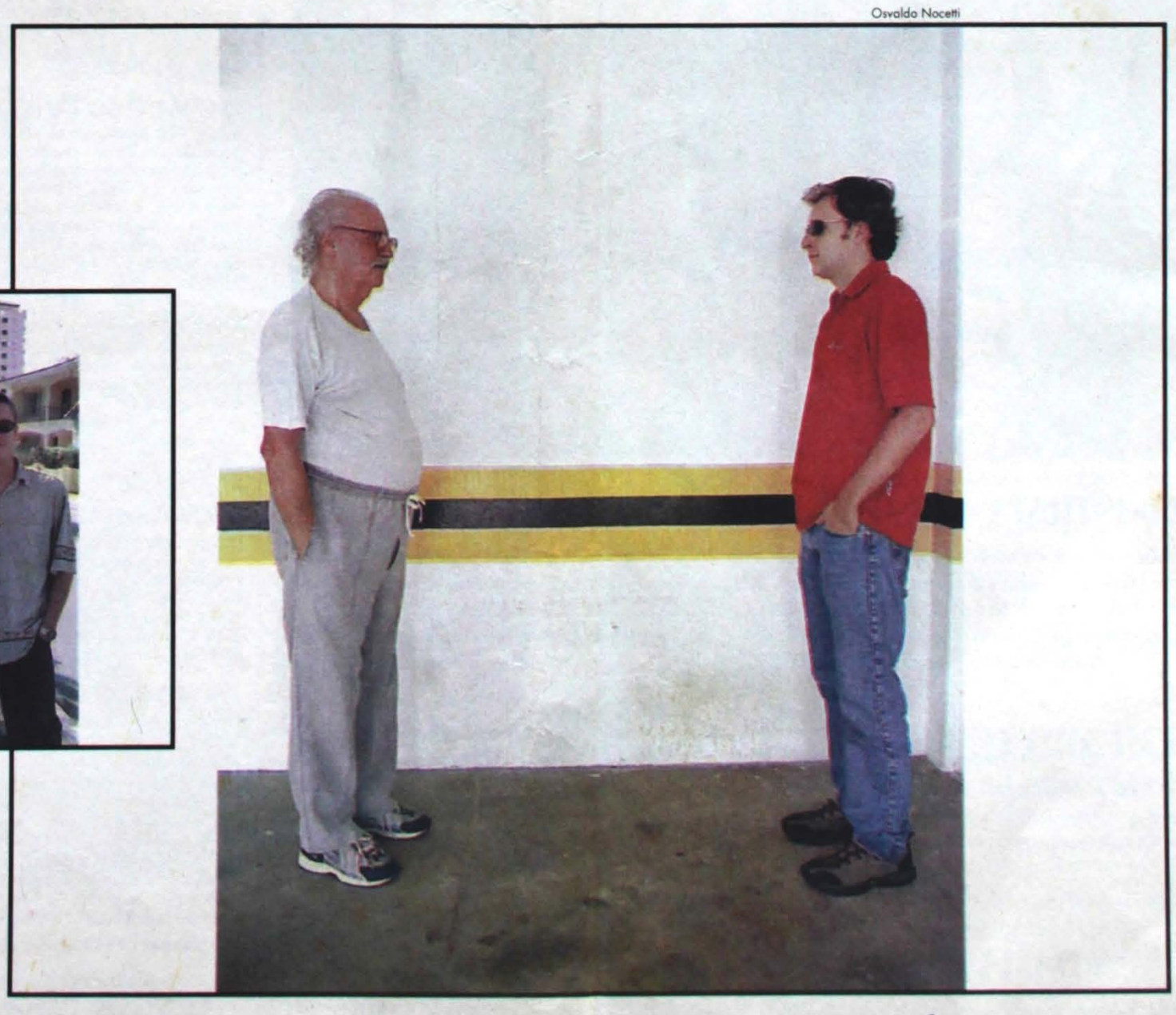
No início da década de 80, por conta da recém criada Fundação Catarinense de Cultura (FCC), foram realizados os curtas "Cruz e Sousa", de Marcos Farias, e "Victor Meirelles", de Marcílio Krieger. As bitolas em super oito e 16mm foram as vedetes do final desse período, que inaugurou um núcleo com uma produção regular a partir de 1987 e com uma retomada de forma mais ampla de realizadores de cinema, embora com uma produção pequena. Este período vai de 1987 a 2001, quando foi produzido uma média de um curta-metragem por ano e com premiações no Festival de Gramado.

A produção desses filmes e seus realizadores foram fundamentais para a criação na década de 90 da Cinemateca Catarinense, Fundo Municipal de Cinema (Funcine) e da própria fundação da faculdade de cinema da Unisul.

Osvaldo Nocetti



Osvaldo Nocetti



ENCONTRO DE GERAÇÕES Ao lado Salim Miguel (E), co-autor do roteiro original, e Marco Stroisch, que prepara documentário sobre o filme. Acima, Marx Vamerlatti e Daniel Marés (D), que também participam da pesquisa sobre o único longa produzido até hoje no Estado

010 PESSOTTO, Carla. História de SC em rede nacional. **A Nóticia Santa Catarina**, 10 de maio d e2003. Anexo, Em foco, p. C6

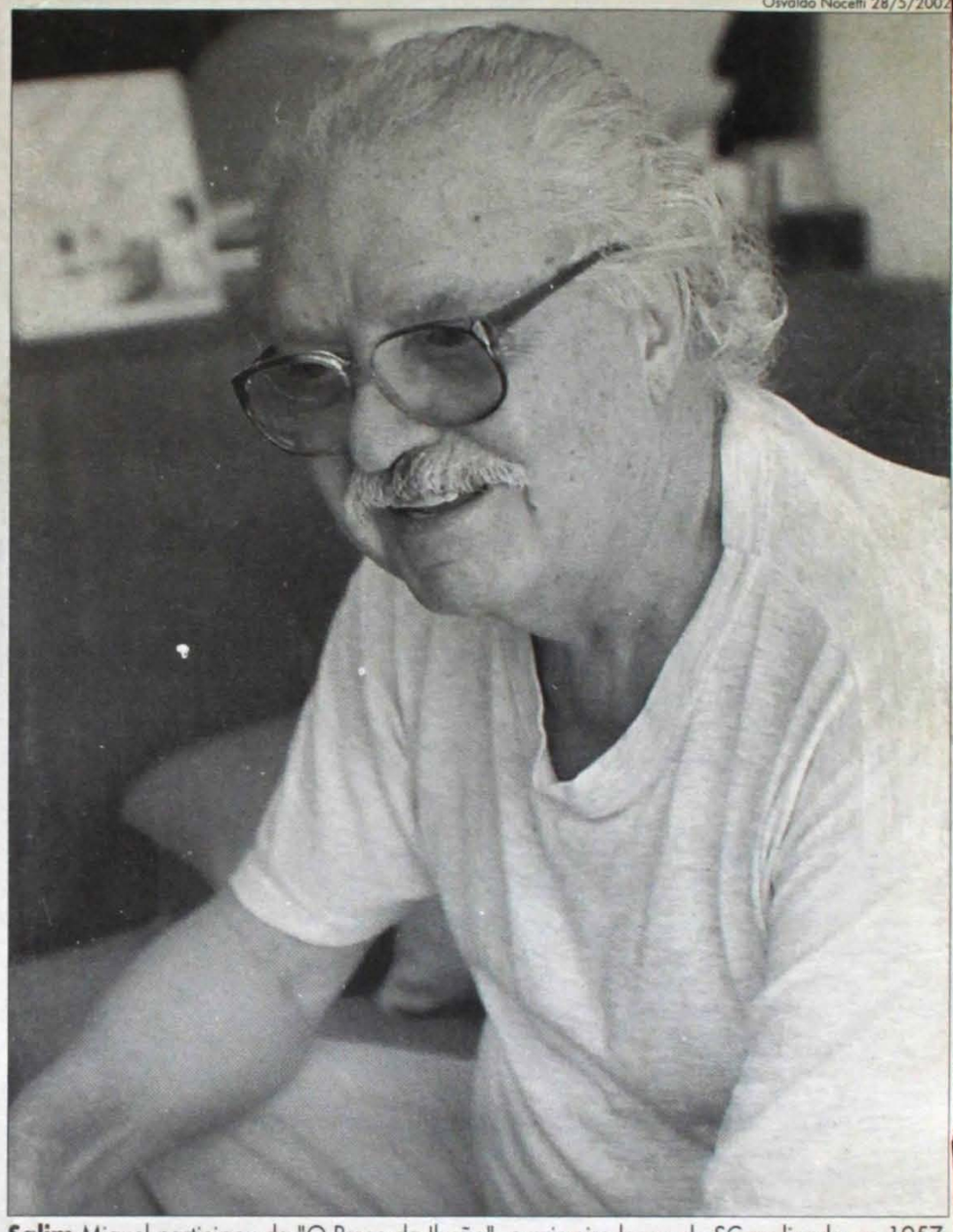
EM FOCO

História de SC em rede nacional

TV Cultura exibe hoje documentário sobre a produção de cinema no Estado no século 20

CARLA PESSOTTO

Osvaldo Nocetti 28/5/2002



Salim Miguel participou de "O Preço da Ilusão", o primeiro longa de SC realizado em 1957

Florianópolis — A produção cinematográfica catarinense será o tema do "Doc. Brasil", que a TV Cultura exibe hoje à noite. "Nossa Terra Faz Cinema" é o documentário produzido por Camila Schulte Mafra e Carla Zappelini Roncatto como trabalho de conclusão do curso (TCC) de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). "Este é o segundo de uma série sete programas sobre o Estado que serão exibidos nacionalmente ao longo do ano", afirma a superintendente da TV Cultura/SC, professora Sidneya Gaspar de Oliveira.

"Nossa Terra Faz Cinema" é um vídeo-documentário sobre a história cinematográfica em Santa Catarina no século 20. Refaz a trajetória desde os primeiros cinejornais da década de 20 até a recente produção de curtas e longas metragens. O documentário engloba entrevistas com os diretores, cenas dos filmes locais e internacionais. Segundo as realizadoras, a idéia surgiu da constatação de que existia uma produção de cinema local, mas pouco se sabia sobre ela. "Através de pesquisa, verificou-se a carência de registros sobre o tema na forma impressa. Nenhum registro audiovisual foi encontrado", afirmam.

As imagens pioneiras são da década de 20, feitas por Alfredo Baumgarten, de Blumenau e José Julianelli, de Joinville. "O Preço da Ilusão", o primeiro longa do Estado somente foi produzido em 1957, pelo Grupo Sul que tinha a participação dos escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros.

Conforme a professora Sidneya, nove programas foram enviados em meados de 2002 à TV Cultura/SP para uma avaliação de conteúdo e de padrão técnico, sendo sete aprovados. "Isso confirma a qualidade dos vídeos produzidos, já que o nível de exigência é muito alto", afirma o professor de telejornalismo da UFSC, Fernando Crocomo. Dos sete documentários, cinco são TCCs do curso de jornalismo da universidade e dois produzidos pela unidade catarinense da Cultura, que transmite sinal para os 21 municípios da Grande Florianópolis.

Dos programas, o primeiro, "O Animal que Cura", de Sara Faraci, foi exibido em dezembro do ano passado. Ainda sem data de exibição estão "Sabor de Memória" (sobre a influência açoriana nas comidas típicas da Ilha), de Renata Lago e Michelle Oliveira; "Tereza Cristina, A Imperatriz do Carvão" (a história da estrada de ferro Tereza Cristina), de Fernanda Ricardo Souza e Juliana Sá de Souza, e "Sem Deus, Sem Imperador, Nós por Nós Mesmos. Da Rússia ao Brasil: A Trajetória dos Teuto- Russos", de Débora Tozzo e Leyla Spada. Produzido pela Cultura/SC há "Ilha de Santa Catarina, Cotidiano do Século 18, Memórias do Século 21", com o resgate dos valores culturais.

■ O QUÊ: Exibição do documentário **NOSSA TERRA FAZ CINEMA**, de Camila Schulte Mafra e Carla Zappelini. QUANDO: Hoje, 21h. ONDE: TV Cultura, canal aberto.

011 GIORDANO, Rafaela. A chegada do cinema na capital. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 d ejun. De 2003. Mmória, variedades, p. 3

SENSAÇÃO

A chegada do cinema na Capital

No dia 21 de julho de 1900, os moradores de Florianópolis presenciavam um feito histórico jamais visto no Estado

RAFAELA GIORDANO

As principais maravilhas do mundo eram apresentadas a Florianópolis na noite de 21 de julho de 1900 em forma de quadros ilusionistas.

Imagens da batalha de Waterloo e de uma inusitada procissão dos esqueletos, de propriedade de H. Kaurt, foram exibidas no Teatro Álvaro de Carvalho com grande alarde naquela remota segunda-feira.

Essa Grande Exposição de Quadros Ilusionistas, como era chamada por Kaurt, é considerada a primeira exibição de cinema realizada na Capital.

Exposição de esqueletos e a batalha de Waterloo foram as primeiras imagens

Uma nota na primeira página do jornal *República*, editado pelo deputado federal José Boiteux, elogiava a boa reputação do material que seria exibido naquela noite e recomendava o espetáculo aos leitores.

Nas edições seguintes, em meio às propagandas do xarope de angico Rauliveira, das pílulas do Dr. Faro e do "mais poderoso fortificante" Inopon, Kaurt convidava a população para assistir gratuitamente e julgar o mérito dos quadros ilusionistas. As exibições tiveram continuidade durante a semana seguinte, mas com temas diferentes e cobrança de ingressos. Por 2$000 (dois mil réis) era possível ver imagens "dos mais históricos e notáveis edifícios da França e da exposição universal de Pariz (sic)". Esse valor era suficiente para comprar 10 quilos de batatas importadas de Buenos Aires.

A novidade levou dezenas de pessoas ao Teatro Álvaro de Carvalho, mas a maior inovação da época ainda estava por chegar e não demorou muito. Em 2 de setembro de 1900, no mesmo jornal *República*, uma propaganda anunciava a chegada para breve do *Cinematographo Apollo*, "recentemente importado da Europa, sendo aperfeiçoado com as últimas invenções (...), um verdadeiro prodígio da tecnologia.

O cinematógrafo era uma grande novidade da época e havia sido criado em 1895 pelos irmãos franceses Lumière, que atuavam no ramo da fotografia na cidade de Lyon. O espetacular invento era capaz de reproduzir em uma tela o movimento por meio de uma rápida seqüência de fotografias.

A primeira exibição aconteceu em 28 de dezembro de 1895 em Paris. Entre as fotografias animadas estavam a saída das Usinas Lumière em Lyon e um bebê tomando sopa.

As primeiras exibições do *Cinematographo Apollo* aconteceram em 9 de setembro de 1900 na casa número 4 da Rua Trajano. Faziam parte do programa "photographias vivas" do pintor veloz Jiggs, de um bando de cavalos, de bailarinas, do manejo militar, de um beijo no baile de máscaras e de uma rua de Milão. Quem assistiu, aprovou. "Os quadros existentes são dignos de admiração. A concorrência tem sido grande", escreveu um jornalista da época.

As apresentações seguintes foram realizadas no Teatro Álvaro de Carvalho. "Com uma clareza nunca vista", os moradores da Capital tinham a chance de assistir a *Viagem Para o Estado de Santa Catarina*. Estima-se que material semelhante tenha sido exibido no Vale do Itajaí pela primeira vez em 21 de abril do mesmo ano.

Era o início da história do cinema no Estado.

Theatro
Cinematographo "Apollo"
RUA TRAJANO 4 PERTO DE ALEANDIGA
HOJE! DOMINGO HOJE
GRANDES ESPECTACULOS
PHOTOGRAPHIAS VIVAS
A MARAVILHA DAS ULTIMAS INVENÇÕES
PROGRAMMA PARA DOMINGO

Theatro
ALVARO DE CARVALHO
Domingo, 16 de setembro
GRANDE ESPECTACULO
DO
Cinematographo "Apollo"
PROGRAMMA
CAMPOS LOBO & C

FOTOS REPRODUÇÃO/KOLDEWAY COSTANZO/DC

O PREÇO DA ILUSÃO: Exibição em 1958 no Cine São José, Capital

Grupo Sul realizou o primeiro longa

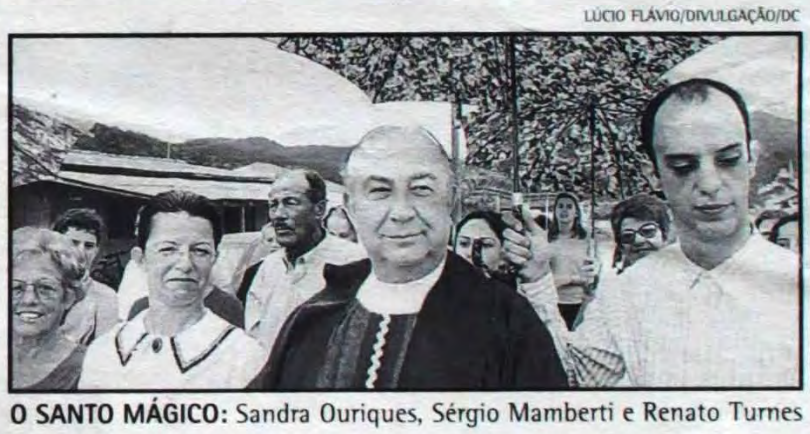
Depois de assistir a produções de outros pontos do país e mesmo de fora dele, os catarinenses decidiram se aventurar pela mundo da sétima arte. Uma das produções mais comentadas ao longo dos últimos 50 anos foi *O Preço da Ilusão*, o primeiro longa-metragem realizado por aqui. O filme foi produzido pelo Grupo Sul em 1957. A primeira exibição ocorreu no ano seguinte no Cine São José, no Centro de Florianópolis. Durante a estréia, problemas de montagem e principalmente de som foram detectados. O material voltou a São Paulo e uma nova cópia foi feita. Atualmente, restam apenas sete minutos do filme.

De acordo com o jornalista Marco Aurélio Stroisch, que no último ano realizou uma pesquisa sobre *O Preço da Ilusão*, cogita-se que existam cópias. Uma estaria com um colecionador de outro estado e outra, com um morador de Florianópolis. "Se não foi guardada de forma adequada, deve haver somente uma pasta dentro da lata do filme", afirma Stroisch, que pretende realizar outros trabalhos a partir da pesquisa financiada pelo Prêmio Cinemateca Catarinense/Fundação Catarinense de Cultura (FCC).

A retomada do cinema ocorreu na década de 80. Uma das primeiras produções foi o curta *Manhã*, de Zeca Pires e Norberto Depizolatti. Como os dois, outras pessoas apostaram na produção de curtas, como Maria Emília de Azevedo, Eduardo Paredes, Chico Faganello, Penna Filho, Antônio Celso dos Santos, Lena Bastos e José Rafael Mamigonian.

Há dois anos, os cineastas receberam uma boa notícia: a criação de um prêmio para produção. Filmes como *Alumbramentos*, *Miramar* e *Sorria, Você Está Sendo Filmado* foram realizados com esses recursos. Dos contemplados na segunda edição do prêmio, *Nem o Céu, Nem a Terra*, de Isabela Hoffmann, começa a ser filmado nesta semana. Além dos curtas citados acima, neste ano foi lançado *O Santo Mágico*, de Ronaldo dos Anjos, a produção local mais recente a chegar aos cinemas.

LÚCIO FLÁVIO/DIVULGAÇÃO/DC



O SANTO MÁGICO: Sandra Ouriques, Sérgio Mamberti e Renato Turnes

ALGUNS FILMES CATARINENSES

Bruxa, de Mauro Faccioni Filho (1987)
***Manhã*, de Zeca Pires e Norberto Depizzolatti (1990)**
Farra do Boi, de Zeca Pires e Norberto Depizzolatti (1991)
***O Vôo Solitário*, de Chico Faganello (1991)**
Desterro, de Eduardo Paredes Brasil (1992)
***Alva Paixão*, de Maria Emília de Azevedo (1995)**
Naturezas Mortas, de Penna Filho (1995)
***Ponte Hercílio Luz: Patrimônio da Humanidade*, de Zeca Pires (1996)**
Victor Meirelles – Quadros da História, de Penna Filho (1996)
***Novembrada*, de Eduardo Parede (1998)**
Bruxa Viva, de Lena Bastos (1998)
***Fronteira*, de Chico Faganello (1999)**
Ritinha, de Antônio Celso dos Santos (2001)
***Seo Chico - Terra e Alma*, de José Rafael Mamigonian (1998)**
Roda dos Expostos, de Maria Emília de Azevedo (2001)
***Ilha*, de Zeca Pires (2001)**
Capitão Imaginário, de Chico Faganello (2002)
***Alumbramentos*, de Laine Milan (2002)**
O Santo Mágico, de Ronaldo dos Anjos (2002)
***Miramar*, de Marco Martins e Ricardo Weschenfelder (2002)**
Sorria Você Está Sendo Filmado, de Chico Caprário (2003)

Fonte: *Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis (Funcine) - www.pmf.sc.gov.br/funcine*

012 BUSS, Deluana Homenagens ao filme que ninguém viu. **A Notícia Santa Catarina**, 18 de set. de 2003, Anexo, p. 3

AUTÓGRAFOS
PÁGINA 3 Capital confere lançamento de "Hino da Tormenta", de Charles Bukowski.

TELEVISÃO
PÁGINA 4 Apesar da boa audiência, Guel Arraes determina o fim da série "Os Normais".

Décio Soncini abre, em Joinville, exposição de pinturas. PÁGINA 3

Anexo

QUINTA-FEIRA • 18/9/2003 SANTA CATARINA

NÃO JOGUE O JORNAL NO LIXO PAPEL É RECICLÁVEL

Fotos Reprodução/Originais em PB/Acervo:Marco Stroich

Programação marca hoje, em São José, os 45 anos de "O Preço da Ilusão"

Homenagens ao filme que ninguém viu

DELUANA BUSS

Florianópolis — Noite de 18 de setembro de 1958. O agito era grande em frente ao Cine São José — hoje transformado em igreja —, no centro da Capital. Um tapete vermelho tinha sido estendido para receber os atores, que estavam chegando num carro aberto, sob os aplausos de populares. Na bilheteria, ingressos esgotados. Entre os convidados ilustres estavam o governador Heriberto Hülse e o prefeito Osmar Cunha. Todos queriam participar da pré-estréia do primeiro longa-metragem catarinense, "O Preço da Ilusão".

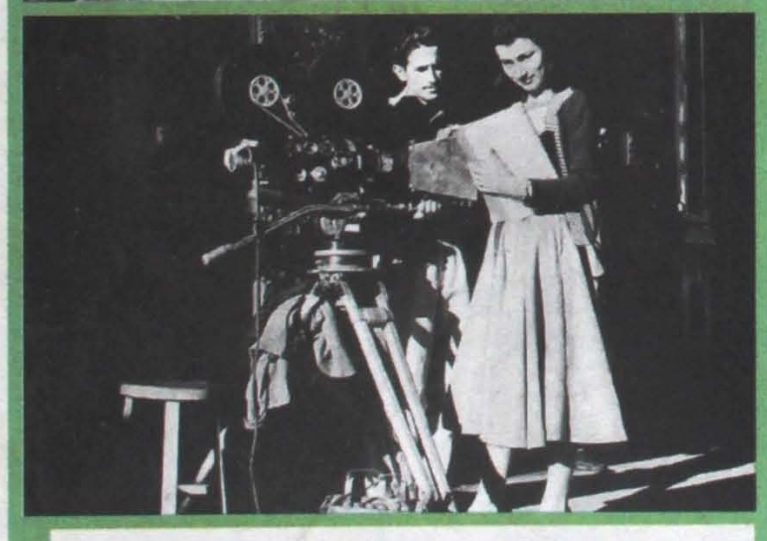
Passados exatos 45 anos, o filme, do qual só restam sete dos originais 80 minutos, continua gerando discussões. Hoje, em São José, estão programadas uma exposição de fotos dos bastidores e a exibição do documentário "O Filme que Ninguém Viu", com depoimentos colhidos pelo jornalista Marcos Stroisch. Em seguida, um debate reunindo o escritor Salim Miguel e cineastas do Estado, que falarão sobre o que mudou no cinema catarinense e sobre os fatores que determinam se o filme é ou não "natural" do Estado.

A homenagem tem o mérito de relembrar a controversa história de "O Preço da Ilusão". Realizado pelos integrantes do Grupo Sul, com argumento escrito por Salim Miguel e Eglê Malheiros, foi vendido em cotas. Dirigido por Nilton Nascimento, a produção tinha atores catarinenses e se passava na Ilha. Os problemas de produção ficaram à mostra na noite de estréia, considerada um fiasco. "Segundo os depoimentos que colhi, os responsáveis não tiveram o cuidado de assistir à fita antes da primeira apresentação", conta Stroisch, que realizou uma grande pesquisa sobre o filme. O resultado foi a exibição de uma montagem mal feita, com problemas de continuidade. Uma das atrizes, por exemplo, simplesmente sumia no meio do filme para não mais voltar. O som também era ruim, fora de sincronia, o que dificultava ainda mais o entendimento da obra por parte do público. "A platéia não chegou a vaiar, talvez em consideração aos artistas, mas no dia seguinte os comentários corriam a boca pequena pela cidade", afirma o jornalista.

O resultado é que antes de qualquer nova exibição a cópia voltou para São Paulo, onde foi destruída. A partir daí as informações são confusas. Uma nova cópia melhorada teria ficado em cartaz durante uma semana em Florianópolis, no mês de dezembro, passando então a correr o Estado. O material acabou se perdendo quando estava na Cinemateca Brasileira, durante um incêndio. Das sete latas de imagens, apenas uma teria escapado das labaredas. Também foram preservadas as quatro latas de som, o que faz com o que filme possa ser ouvido, mas não visto na íntegra. Já cópias dos sete minutos de imagens restantes podem ser encontradas na Cinemateca Catarinense e com outros interessados, como o próprio Stroisch.

"Seria bom se ainda existisse o filme todo, principalmente em função das imagens de uma Florianópolis que já não existe mais", lamenta o cineasta Zeca Pires, autor dos livros "Cinema em Santa Catarina" e "José Julianelli e Alfredo Baumgarten – Pioneiros do Cinema Catarinense". As principais cenas de "O Preço da Ilusão" acontecem na ponte Hercílio Luz, onde foi filmado o acidente com o carro. Outras tomadas foram realizadas ao redor da Praça 15, atrás do Teatro Álvaro de Carvalho (TAC) e em diferentes pontos que já mudaram de nome e aparência nesses 45 anos.

■ O QUÊ: Homenagem aos 45 anos de estréia de **O PREÇO DA ILUSÃO**. QUANDO: Hoje, 20h. ONDE: Casa de Cultura Estácio de Sá. Praça Hercílio Luz, 10, centro histórico de São José, tel.: (48) 247-9718. QUANTO: Gratuito.



MEMÓRIA
Filmagens no Continente (alto, E), a equipe com o equipamento Bell&Howell, e o *set* no Teatro Álvaro de Carvalho, que abrigou as locações internas. No centro, o diretor Nilton Nascimento e a atriz Lilina Bassanesi; ao lado, o diretor de fotografia Eliseo Fernandes com uma das atrizes e acima, a equipe na praia da Joaquina

A história

"O Preço da Ilusão" se passa em Florianópolis, onde busca fazer uma crítica social usando para isso duas histórias em contraponto. Os dois protagonistas são uma moça que deseja ganhar o concurso de rainha da praia e um menino que sonha em fazer um boi-de-mamão.

A funcionária pública Maria da Graça vence o concurso de Rainha do Verão por conta de seus amigos, que compram a maioria dos votos para eleger a moça. Terminada a eleição, Maria da Graça resolve deixar a cidade. Mas ao comunicar sua decisão a Dr. Castro, seu patrocinador, os dois começam a discutir com o carro em alta velocidade. Ao passar pela ponte Hercílio Luz, ele perde a direção do automóvel, bate na grade de proteção e cai da ponte. Um menino vê a cena, se espanta e grita.

A outra ponta do filme retrata a vida de Maninho, um menino de oito anos que trabalha de engraxate e vendedor ambulante para ajudar sua mãe, que faz rendas de bilro. Seu pai vive envolvido com brigas de canário e o pouco dinheiro que ganha aposta no jogo. O desejo do menino e de seus amigos é ter um boi-de-mamão e, para realizar o sonho, organizam um livro para arrecadar dinheiro. Mas na cidade ninguém quer saber do "boi", pois estão todos preocupados com o concurso Rainha do Verão. A mãe do menino adoece e Maninho vai à farmácia comprar remédios. No caminho, ao passar pela ponte, vê o desastre com o automóvel.

013 | MENEZES, Ana Cláudia. Sete Dias de vanguarda. **A Notícia Santa Catarina**, 01 de dez. de 2002, Anexo C6.

Sete dias de vanguarda

Há 40 anos, Florianópolis promovia a Semana do Cinema Novo, que iniciou um movimento nacional de popularização dos festivais com filmes inéditos

ANA CLÁUDIA MENEZES

Florianópolis — Numa cidade em que as opções nas telas de cinema resumiam-se à beleza de Victor Mature e Rhonda Flemming em "O Grande Circo" e a do casal Paul Newman e Joanne Woodward em "Paixões Desenfreadas", a realização da 1ª Semana do Cinema Novo Brasileiro, há 40 anos, veio mexer com a estética cinematográfica estabelecida pelo cinema de Hollywood. E também com o pacato estilo de vida de Florianópolis, culturalmente isolada do resto do País e cujo maior contato com o cinema de fora era através das estrelas americanas.

A semana começou no dia 1º de setembro de 1962 e encerrou no dia 7, período no qual foram exibidos no Cine São José sete longas e 12 curta-metragens dirigidos por nomes que, se eram desconhecidos, tornaram-se famosos depois daquela semana, organizada pelo gabinete de relações públicas do governo Celso Ramos.

Estavam nessa lista "Nordeste Sangrento", filme que abriu a mostra, dirigido por Wilson Silva; "Cinco Vezes Favela", cinco episódios dirigidos por Marcos Farias, Miguel Borges, Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues e Leon Hirszman; "Três Cabras de Lampeão", de Aurélio Teixeira; "A Grande Feira", de Rex Schindler; "A Ilha", de Walter Hugo Khoury; "Senhor dos Navegantes", dirigido por Aluízio T. de Carvalho, e, para finalizar o festival, "O Pagador de Promessas", de Anselmo Duarte, que naquele ano vencera a Palma de Ouro de Cannes. Aquela fora a primeira oportunidade para o público florianopolitano assistir ao filme.

Entre os curtas, foram exibidos "Menino da Calça Branca", de Sérgio Ricardo; "Arraial do Cabo", de Paulo César Saraceni; "Aruanda" e "Cajueiro Nordestino", de Linduarte Noronha; "-Manuel Bandeira", de Joaquim Pedro de Andrade; "O Grande Rio", de Gerson Tavares, além de um documentário de Ozualdo Candeiras.

Segundo uma reportagem publicada no jornal "O Estado", a Semana do Cinema Novo em Florianópolis deu início a um movimento nacional que popularizaria os festivais de cinema, um hábito anteriormente restrito ao eixo Rio-São Paulo. Em setembro daquele ano, noticiou o periódico, a cidade do Recife (PE) realizaria uma "semana" no mesmo estilo, com filmes inéditos na capital pernambucana.

O intercâmbio também se deu no aspecto social. Durante aquela semana, as colunas sociais dos jornais registravam a presença de atores como Eva Wilma e John Herbert, Irma Alvarez, Maria Pompeu, Marlene França, Mozart Régis (Pituca) e Zenaide Andrade, de diretores como Paulo César Saraceni, e de jornalistas como Claudio Abramo, de críticos de cinema como Paulo Emílio Salles Gomes (leia texto ao lado), além da crítica especializada, como a revista "Cruzeiro".

O Cine São José exibia duas sessões diárias, seguidas por debates entre os diretores dos filmes e o público, e mediação de Paulo Emílio Salles Gomes. Integrante da equipe do gabinete de relações públicas, organizadora do festival, o escritor Salim Miguel, diz que o episódio mais memorável daquele período envolveu justamente o crítico de cinema.

Chovia e ventava muito em Florianópolis, típico da primavera, e o piloto que diariamente trazia a película de avião, não queria descer de jeito nenhum no Aeroporto Hercílio Luz, temendo um acidente. "E o Paulo Emílio tentando segurar o público no Cine São José, que aguardava a chegada do filme para exibição", lembra Sali, hoje com 78 anos. "E nós, tentando convencer o piloto a descer", conta. Bom de papo, Paulo Emílio, que tinha vivido na França (fugiu para a Europa com a repressão patrocinada por Getúlio Vargas com a Intentona Comunista de 1935) e conhecia como ninguém o cinema francês, disfarçava o atraso com suas histórias da Europa. Finalmente de posse do filme, os organizadores seguiram para o São José, mas a estrada precária até o centro, atrasou ainda mais a tarefa. "Quando chegamos o pessoal estava tão interessado que nem percebeu a nossa presença", conta Salim Miguel, que não lembra qual era o filme daquele dia. Mas recorda que o público o recebeu com longos aplausos.

Nem todas as exibições, no entanto, eram ovacionadas. "A Ilha", de Walter Hugo Khoury, conta o escritor, foi o mais polêmico pelas cenas de sexo, o tom intimista, típico de quem se autointitulava o "Bergman brasileiro", referência ao cineasta sueco Ingmar Bergman.

Salim também participou da seleção de filmes que integraria a mostra. O escritor afirma que muitos não tinham as características do Cinema Novo, mas eram representantes importantes de uma fase em que a cinematografia brasileira, assim como outros aspectos da vida cultural do País, estava sendo bastante discutida.

Guilherme Ternes

Arquivo AN

MEMÓRIA
Salim Miguel (alto) ajudou a selecionar os filmes da Semana do Cinema Novo, em 1962, que teve exibição de "O Pagador de Promessas", com Leonardo Villar e Glória Menezes (D)

Arquivo AN

Um grito de guerra

"O mecanismo e participação no Cinema Novo não é o de aceitação de idéias ou filmes, mas o da descoberta de que nossas emoções, ações e palavras são parte integrante de um processo em curso. Foi em Florianópolis que descobri o Cinema Novo dentro de mim." A frase apaixonada é de autoria de um dos mais importantes críticos de cinema que o Brasil teve, o paulistano Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), num texto publicado no Estado de São Paulo no dia 6 de outubro de 1962, um mês após o encerramento da Semana do Cinema Novo Brasileiro. Ele continua: "A comunidade que se criou em Florianópolis durante uma semana exprimiu e serviu exclusivamente à causa do cinema nacional no sentido mais amplo e menos ambicioso".

Defensor intransigente do cinema brasileiro, Paulo Emílio acompanhou toda a iniciativa como representante da Cinemateca Brasileira (antiga Filmoteca do Museu de Arte de São Paulo), no qual ocupava a função de "conservador" na época. Para ele, até mesmo a aparente desorganização e a ausência de uma linha na seleção dos filmes, contribuiu para o sucesso da semana. "Não houve estratégia delineada, nada foi previamente calculado, mas de maneira harmoniosa e espontânea tudo aconteceu como se a palavra de ordem fosse conquistar para o nosso cinema o mais amplo setor social dirigente daquele Estado brasileiro", escreveu no artigo.

Paulo Emílio concorda que nem todas as obras selecionadas eram pertencentes ao Cinema Novo, até porque, o movimento ainda engatinhava em sua forma de expressão cinematográfica. "O Cinema Novo Brasileiro propriamente ainda não existe, o que não impede que já tenha adquirido certa celebridade e, sobretudo, esteja cumprindo plenamente sua missão", escreve o autor nas primeiras linhas do artigo de 40 anos atrás.

"Cinema Novo é um grito de guerra à procura das guerras que mais lhe convém. É uma bandeira indiscutivelmente revolucionária que ainda não encontrou a sua revolução. Aliás, na hora do encontro não será uma, mas muitas revoluções que se lhe oferecerão no campo ético, social e estético", arremata. Para ele, como para atores, diretores, técnicos e cinéfilos que acompanharam o festival, a semana foi o ponto de partida para este movimento que iria abalar os conceitos artísticos brasileiros e até internacionais. (ACM)

014 BARROS, Miguel. Filme brasileiros nos festivais de Cannes e Berlim. **Rio Sul,** Ano 1, n. 3, p. 36-40, jun. 1976

Dois filmes, que seguem caminhos opostos, mas ambos significativos para o cinema nacional, acabam de ser concluídos. **Pecado na Sacristia,** que foi apresentado na Quinzena dos Realizadores, mostra paralela ao Festival de Cannes, é baseado num argumento orginal, produzido e dirigido por Miguel Borges; e **Fogo Morto**, calcado no mais famoso romance de José Lins do Rego, com produção de Miguel Borges e direção de Marcos Farias, que irá a Berlim. Ambos os filmes são co-produzidos pela Embrafilme.

FILMES BRASILEIROS NOS FESTIVAIS DE CANNES E BERLIM

Reportagem de **Miguel Barros**

"Fiz um filme tranqüilizador. Um filme fora de moda, sem excitação nem destruição. Sinto que já destruimos muito, e que devemos agora construir mais. O cinema vem realizando uma transcendental obra destrutiva, importantíssima na renovação dos costumes, na evolução da sociedade e na transformação do sentimento humano". O opinião é do cinesta Miguel Borges, a propósito de seu novo filme **Pecado na Sacristia,** que tem despertado o mais vivo interesse entre as personalidades e convidados especiais que já o viram, em exibições privadas, às vésperas de sua partida para Cannes, onde participou da Quinzena dos Realizadores, ele falou a RIO SUL:

"Para os que se surpreendem com meu **Pecado na Sacristia,** lembro meu curto **Rodar Cativo** (1970), um pequeno trabalho de sete minutos sobre a divisão do trabalho. Um mesmo fio de água que nasce do mar se subdivide em uma velha fazenda do interior de Minas Gerais para mover diferentes rodas d'água, mós e moinhos. O amor à divisão do trabalho é, a meu ver, o que nos leva a buscar formas materiais e ideais de fazer cinema com os diferentes temperos de nossos povos. Eis a fonte da universalidade. Nunca filmei nada que não fosse apaixonadamente brasileiro, para o bem ou para o mal. Outro dia, me comovi muito quando, ao fim de uma exibição de **Pecado na Sacristia** para uma platéia jovem, um rapaz me disse que estava feliz porque tinha tido ali a rara oportunidade de amar o seu país."

Em resumo, a estória de **Pecado na Sacristia** é a seguinte: Pedro Socó, (Ivan Candido) mata a mulher, Elza (Itala Nandi), ao se defender do rival. Na fuga, é supliciado pela alma penada do cangaceiro Floriano Fede-a-Bode (Roberto Bonfim), que lhe propõe um pacto. Socó descobrirá a outra metade, tornando-se um homem rico e libertando a alma. Entre os atores estão ainda Mauricio do Valle (como Ferrolho Feitosa) e Francisco Milani (como Padre Angellini).

Ainda na opinião de Miguel Borges, seu filme se inspira em lendas e mitos do Brasil, "para uma visão pessoal, com muito bom humor (eu acho a vida cheia de graça), da individualidade humana na vivência latino-americana."

JULGUE VOCÊ MESMO

CASAMENTO ABERTO

'Liberdade, igualdade, infidelidade'

Por **Guy Vergeau** (Especial para **RIO SUL**) Foto de **Eric Bach/Câmera Press**

Certos casais que sufocam no ambiente fechado de um casamento clássico, onde a fidelidade é um ponto de honra inquestionável, não raro, hoje em dia, em determinados países, são levados a tentar a difícil e delicada experiência da liberdade sexual recíproca, como um dos meios de preservar sua união. A esta experiência chama-se, nos Estados Unidos, de "casamento aberto", expressão devida a Georges O'Neil, que numa obra brilhante, sob este título, explica que ela é baseada na igualdade de ambos e sua honestidade pessoal. Paradoxal? Mas a verdade dos fatos indica que, em número crescente, os casais estão apelando cada vez menos para a tragi-comédia à la Feydeau, e procuram antes adotar uma atitude lúcida e inteligente diante de certas situações inevitáveis. Naturalmente, embora haja exceções, é em geral ao fim de alguns anos de casamento que surge esse desejo inquietante de mudar de parceiro. O homem confessa isto mais facilmente do que a mulher e, neste caso, quase sempre propõe uma certa liberdade no relacionamento e nos movimentos do casal. Por seu turno, em lugar de se tornar vítima de um episódio banal, para os dias que correm, a mulher pode aceitar tornar-se cúmplice e fazer o jogo. Mas para jogar habilmente, sem causar ferimentos, é necessária uma enorme dose de compreensão e de inteligência. Se agora numerosos casais admitem, em escala fortemente progressiva, nos países desenvolvidos, o princípio da liberdade sexual recíproca, somente poucos conseguem chegar à sua plena prática, sem incidentes ou escoriações dolorosas. Esse comportamento, que está bastante difundido nos EUA e começa a tornar-se freqüente em diversos países europeus, foi objeto de uma **enquête** na França, durante a qual diversas mulheres aceitaram relatar suas experiências pessoais e as conseqüências, boas e más, advindas da prática de uma liberdade inimaginável em outras latitudes, onde se costuma praticar o adultério com freqüência e intensamente, mas às escondidas. RIO SUL selecionou três desses impressionantes relatos, que são um documento vivo de nossa época. E por eles se verá que, se o "casamento aberto" pode por vezes salvar um relacionamento à beira da ruptura em conseqüência do tédio e da indiferença, em outras circunstâncias só levará ao vazio e ao desespero.

O mundo de José Lins do Rego renasce com enorme força num filme autêntico que reconstitui época e ambiente

O entusiasmo de Mário de Andrade, Otto Maria Carpeaux, Alvaro Lins, Tristão de Ataíde e tantos outros ensaístas, em 1943, quando saiu o romance **Fogo Morto** de José Lins do Rego, poderá se repetir agora, quando for lançado o filme que Marcos Farias, com a colaboração dos escritores e jornalistas Salim Miguel e Eglê Malheiros, extraiu do famoso romance, numa produção do ceneasta Miguel Borges. O romance de Zé Lins não foi apenas um sucesso de crítica, mas também atingiu largas parcelas de público, em 15 edições nacionais e mais de 100 exemplares vendidos, e diversas traduções para espanhol, inglês, italiano; não fosse o autor um grande contador de histórias, na mais pura tradição nordestina, conforme acentuou Carpeaux.

O filme foi rodado na várzea paraibana, na região dos engenhos, onde nasceu e se criou José Lins do Rego. Ali se passa a ação do romance, sobre a decadência da aristocrática "civilização do açúcar", que dominou o Nordeste durante três séculos e começou a desmoronar nas últimas décadas do século passado.

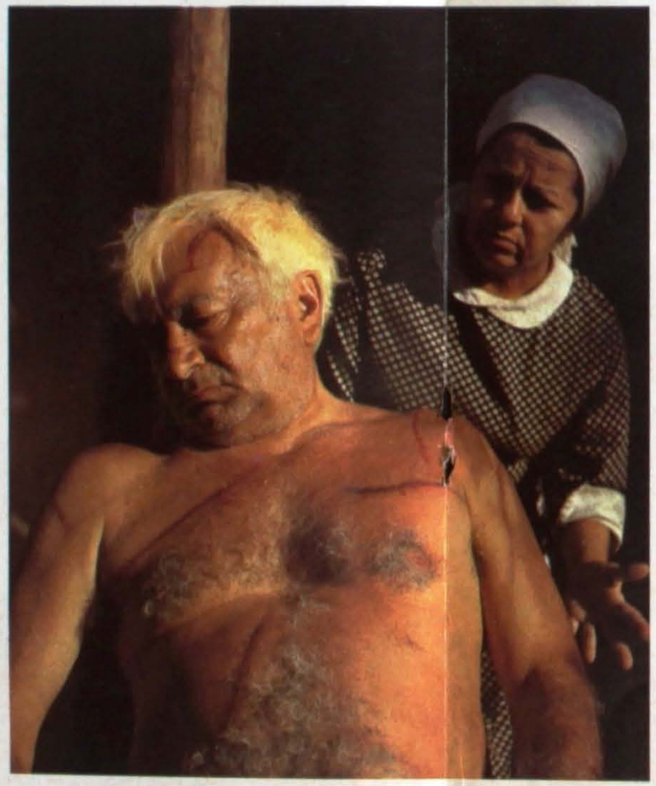
Organizado em três capítulos, **Fogo Morto** conta a estória de um seleiro de beira de estrada, Mestre José Amaro (Jofre Soares), expulso da terra pelo decadente e neurastênico senhor de engenho, "coronel" Lula de Holanda. E também as aventuras e desventuras de uma espécie de cavaleiro andante nordestino, ao mesmo tempo louco e lúcido, em teimosa luta contra as injustiças do mundo, o "capitão" Vitorino Carneiro da Cunha, que a molecada das ruas chama de "Papa-Rabo".

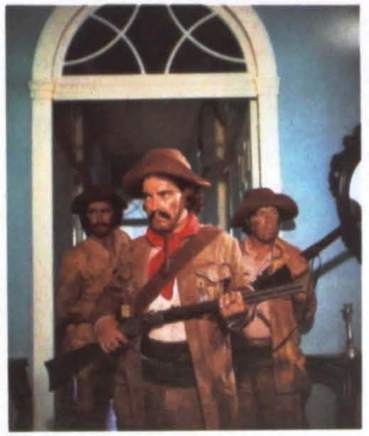
A narrativa se desenvolve num ambiente caregado de violência, frustrações, deterioração de valores, em meio à caçada movida pela força policial do Tenente Maurício contra o bando de cangaceiros liderado pelo legendário Antônio Silvino.

A ação se passa basicamente no início do século, por volta de 1910, com uma ou outra incursão retrospectiva aos anos 1886/88, e exigiu, por isso mesmo, minuciosa reconstituição de época, para recompor a ambientação, a paisagem, a cenografia, o vestuário e os objetos que integravam o universo social e cultural de então.

A fotorgrafia do Renato Neumann (que acaba de dirigir e produrzir um filme baseado em "**Noite Sem Homem**", de Orígenes Lessa) abandonou o "**glamour**" dos refletores em benefício da dramaticidade da iluminação, utilizando criativamente a própria luz ambiental, proveniente das janelas, vãos de telhados, candeeiros e lamparinas. Isto, junto com um aproveitamento da cor onde se destacam o verde da cana, o rosa da casa-grande e o ocre da terra e dos casebres.

Figurino e cenografia foram realizados por duas mulheres cineastas, Cida Correia e Raquel Sisson. Cida, que desempenhou um brilhante trabalho de cenógrafa e figurinista no filme de Miguel Borges, "**Pecado na Sacristia**", fez, para "**Fogo Morto**", uma pesquisa de vestuário que foi um verdadeiro corte vertical na moda nordestina e paraibana das duas últimas décadas do século XIX e primeira do século XX. Em bibliotecas, coleções particulares e álbuns de família, ela encontrou fotografias 'valiosíssimas, muitas dos próprios personagens do romance de José Lins do Rego (que inclui personalidades da história e da crônica da Paraíba). Pesquisa igualmente rigorosa foi feita pela arquiteta e cineasta-documentarista Raquel Sisson, que em "**Fogo Morto**" tem seu primeiro trabalho como cenógrafa. Depois da filmagem, ela escreveu um livro, a ser lançado brevemente pela Editora Imago, onde descreve essa experiência no filme de Marcos Farias, discutindo os problemas da cenografia no cinema.





Acima, Othon Bastos (Cel. Lula) e Ângela Leal (Amélia); à esquerda, Rafael de Carvalho (Vitorino Papa-rabo); à direita, Fernando Peixoto (Tenente Maurício); abaixo, Jofre Soares (mestre Zé Amaro), na adaptação do romance Fogo Morto, *inteiramente filmado na Paraíba*

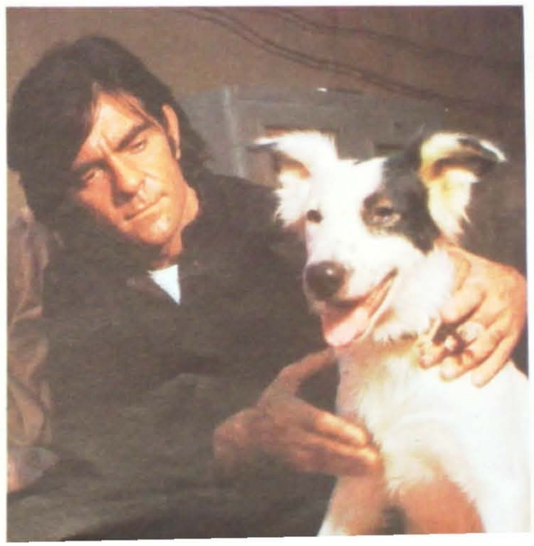
Foto e música ajudam a criar o clima exigido pelo tema

O elenco conta com Jofre Soares, Othon Bastos e Rafael de Carvalho, qué vivem os três personagens centrais, Zé Amaro, Lula de Holanda e Papa-Rabo. Ângela Leal é a senhora de engenho, dona Amélia; Fernando Peixoto faz o cangaceiro Antônio Silvino; Procópio Mariano encarna Zé Passarinho; Rodolfo Arena é o cego Torquato. E Mary Neubauer, a filha louca de Zé Amaro, Marta. Todas as pessoas que já viram o filme se mostram impressionadas com a autencidade que esses atores e atrizes colocaram na composição dos tipos criados ou retratados por José Lins do Rego.

Entre os atores nordestinos do elenco de apoio, destacam-se: o pioneiro do cinema pernambucano, Ari Severo, no papel do prefeito Quinca Napoleão; o escritor e político (ex-prefeito de Patos) José Cavalcanti, na figura do "coronel" José Paulino; e o romancista (premiado em concursos literários) W. Solha, como o Tenente Maurício.

"**Fogo Morto**" foi produzido por Miguel Borges em associação com a Embrafilme e a Fundação Cultural do Estado da Paraíba. O filme tem grandes amigos paraibanos, que apoiaram e ajudaram a produção de diferentes maneiras, a começar pelo próprio Governador Ivan Bichara, biógrafo de José Lins do Rego num livro que será lançado em João Pessoa possivelmente junto com o filme; José Américo de Almeida colaborou muito, dando **dicas** tanto à produção quanto aos figurinos, cenografia, história, etc. Vinícius Fonseca, Fernando Milanez e Tarcísio Buriti foram outros grandes colaboradores.

Acima, Mauricio do Valle e Itala Nandi; abaixo à esquerda, Ivan Cândido e à direita, Francisco Milani — todos atores do filme Pecado na Sacristia



015 DANTAS, Jorge. Fogo Morto dos Canaviais a Berlim.
Revista do Coifa, n.73, p. 4-7, 1976

REVISTA DO
COIFA
23/76

COIFA PAGA PECÚLIO DE CR$ 90 MIL

FOGO MORTO, DOS CANAVIAIS A BERLIM

Olimpíadas, porque fracassamos

OURO, A NOVA CORRIDA

O mundo fantástico do iogurte

FOGO MORTO DOS CANAVIAIS A BERLIM

Jorge Dantas

Fogo Morto foi o único filme indicado pela Embrafilme para representar o Brasil no Festival Internacional de Cinema de Berlim e conseguiu um bom desempenho, com a crítica internacional não poupando elogios à parte técnica e à abordagem dada ao romance de José Lins do Rego, com sua temática social de grande importância.

A publicação de Fogo Morto, de José Lins do Rego, em 1943, foi recebida pela crítica, como o acontecimento literário do ano, e ganhou imediatamente o entusiasmo de ensaistas como Mário de Andrade, Oto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Tristão de Ataíde e muitos outros.

E não foi apenas um sucesso de crítica, pois Fogo Morto alcançou também larga penetração junto ao público, em suas 15 edições nacionais e mais de 100 mil exemplares vendidos, e em suas traduções para espanhol, inglês e italiano; não fosse o autor um virtuoso contador de histórias, na mais pura tradição nordestina, conforme tão bem acentuou Oto Maria Carpeaux.

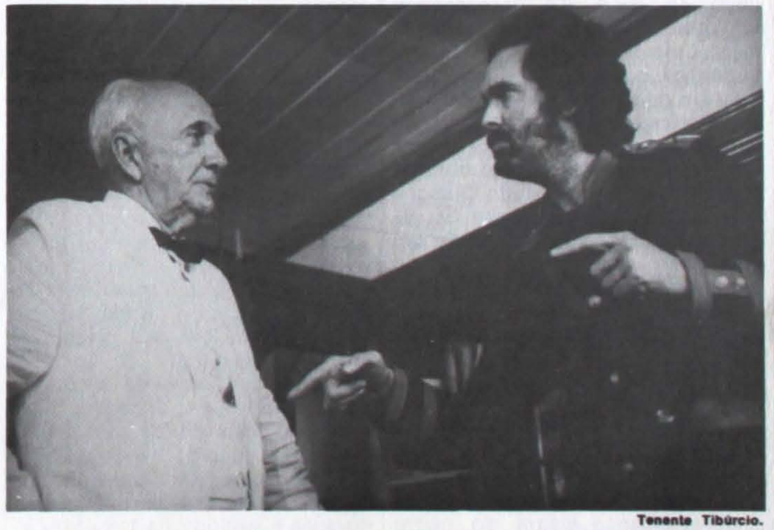
Fogo Morto é o décimo romance de José Lins do Rego, publicado quando ele tinha 42 anos, e constitui um retorno do escritor em sua maturidade, ao ciclo de romances da cana-de-açúcar, com que iniciara sua carreira literária, e que se imaginava encerrado sete anos antes, com a edição de Usina, em 1936. É um retorno e uma suma do ciclo, sendo considerado pela crítica literária, de modo geral, seu livro mais importante, e uma das quatro ou cinco obras-primas que a literatura brasileira já produziu.

SINOPSE

Estruturado em 3 capítulos, o livro de Zé Lins é um romance sobre a decadência da aristocrática "civilização do açúcar", que dominou o nordeste durante mais de três séculos, e conta a história de um seleiro de beira-de-estrada, mestre José Amaro, expulso da terra onde vive pelo decadente e orgulhoso senhor de engenho coronel Lula de Holanda; e as aventuras e desventuras de uma espécie de cavaleiro andante nordestino, ao mesmo tempo louco e lúcido, em teimosa luta contra as injustiças, o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, que os moleques dos engenhos apelidaram e chamavam de Papa-Rabo. Essa trama se desenvolve num ambiente carregado de violência, frustrações, desmoronamento de valores, e marcado pela guerra entre a volante policial comandada pelo Tenente Maurício e cangaceiros liderados pelo legendário Antônio Silvino.

Jofre Soares.

Oton Bastos (Coronel Lula), Angela Leal (Amélia) e Fernando Peixoto (Antônio Silvino).


Tenente Tibúrcio.

A ação se passa, basicamente, no início do século, por volta de 1910, embora com algumas incursões retrospectivas até meados do século 19, na região dos engenhos de cana de açúcar, no estado da Paraíba.

O FILME
— ADAPTAÇÕES E FILMAGEM

A adaptação cinematográfica do romance foi elaborada pelo diretor Marcos Farias e os escritores e jornalistas Salim Miguel e Eglê Malheiros.

"Fogo Morto — observa Marcos Farias — é um romance composto seguindo uma estrutura triangular, cujos elementos se compõem mediante justaposição, intercalação e inversão. O núcleo inicial do livro é a segunda parte, à qual segue-se a primeira que se prolonga na terceira mas esse terceiro capítulo além da conclusão, tem a função de integrar e unir os capítulos antecedentes."

"Do ponto de vista construtivo, a adaptação consistiu na abertura do triângulo e na reordenação da narrativa: o segundo capítulo do livro passou a ser a primeira parte do filme , o terceiro capítulo vem em seguida, no qual se integra o primeiro. Essa mudança não implica negação da complexa narrativa de José Lins do Rego. Antes, facilita a aproximação ao núcleo dramático do livro e à compreensão dos conflitos que envolvem os personagens do universo criado pelo romance. Ao destacar o núcleo central da narrativa, o filme busca aproximar-se de imediato da crise dos personagens em conflito. A impotência do coronel Lula ante a decadência dos engenhos e seu refúgio no misticismo e na lembrança do passado; a impotência de José Amaro para exprimir sua revolta e seu inconformismo; a impotência do coronel José Paulino e do prefeito Quincas Napoleão, chefes políticos da região, cujo poder é abalado de um lado pela rebeldia populista do cangaceiro Antônio Silvino, de outro pela ação policial do tenente Maurício; a impotência, ingenuidade e romantismo do capitão Vitorino em sua ânsia por resolver os problemas da estrutura social decadente da região e restaurar seu antigo esplendor; a esperança triste e romântica do cego Torquato na legenda de Antônio Silvino; a desesperança alegre do negro

Oton Bastos e Angela Leal.

A trama se passa no início do século, por volta de 1910, com algumas incursões retrospectivas até meados do século XIX

Passarinho; e a frustração que envolve as mulheres, levando-as à loucura ou ao total desencanto, seja no ambiente aristocrático dos engenhos, seja nos casebres da pobreza."

O filme foi rodado em 40 dias, na várzea paraibana, região dos antigos engenhos, hoje simples fornecedores de cana para as usinas. E exigiu um minucioso, demorado e difícil trabalho de reconstituição de época, a fim de recompor a ambientação, a paisagem, a cenografia, os figurinos, os objetos que integravam o universo daquela região no início do corrente século e fins do anterior.

Assim, a cidade de Pilar foi revivida, mediante o aproveitamento de pedaços de quatro cidades antigas da Paraíba — Areia, Mamanguape, Santa Rita e a própria Pilar. A casa-grande do Engenho Santa Fé que, no filme, passa por um processo de decadência, ao longo de mais de 30 anos, exigiu a escolha de uma construção decadente e arquitetonicamente adequada, a fim de ser restaurada durante o período de filmagem.

EQUIPE

Duas mulheres cineastas — Cida Correia e Raquel Sisson — se responsabilizaram pelos trabalhos de criação dos figurinos e cenografia. Cida baseou seus figurinos em velhas fotografias encontradas nos tradicionais álbuns de famílias antigas da Paraíba e da região do açúcar, algumas das quais de pessoas que serviram de base para os personagens recriados por José Lins do Rego.

A arquiteta e cineasta-documentarista Raquel Sisson realizou em Fogo Morto seu primeiro trabalho como cenógrafa, e sobre sua longa pesquisa escreveu inclusive um livro, onde ela descreve a experiência e discute problemas de cenografia no cinema brasileiro, a ser brevemente publicado pela Editora Imago.

A fotografia é de Renato Neumann, o mais prolífico curta-metragista brasileiro (escreveu, produziu, dirigiu, fotografou e montou mais de 40 documentários) e coprodutor, diretor, fotógrafo e montador de 2 longa-metragem; Rena-

Rafael de Carvalho e Lucy Camelo.

Rafael de Carvalho é um ator de características populares e sempre desejou viver no cinema Vitório Carneiro da Cunha, o "Papa-Rabo".

to procurou uma iluminação dramática, mediante o abandono dos refletores e o uso da luz natural proveniente das janelas, dos vãos de telhado, ou dos candeeiros e lamparinas, e uma ordenação de cores onde o verde da cana, o rosa da casa-grande e o ocre da terra e dos casebres se destacassem.

A música compreende o aproveitamento de criação do Quinteto Armorial de Pernambuco e alguns temas também folclóricos recriados pelo Maestro Pedro Santos.

ELENCO

Fogo Morto é ordenado em três capítulos, subtitulados com os nomes de seus três personagens centrais — Zé Amaro, Lula de Holanda e capitão Vitorino, revividos no filme, por Jofre Soares, Othon Bastos e Rafael de Carvalho.

Jofre Soares surgiu no cinema brasileiro há pouco mais de 10 anos, já em idade madura, no filme que Nelson Pereira dos Santos extraiu do romance de Graciliano Ramos — Vidas Secas. Durante alguns anos participou em dezenas de filmes, como coadjuvante, mas foi após seu trabalho em "A Faca e o Rio", em 1971, que sua carreira ganhou novo impulso, tendo protagonizado alguns dos mais importantes filmes brasileiros dos últimos anos, como: Guerra Conjugal, Amuleto de Ogum, Padre Cícero, A Bagaceira, Tenda dos Milagres, O Predileto e Pastores da Noite.

Para sua criação de mestre Zé Amaro, Jofre passou longo tempo estudando e convivendo com seleiros nordestinos, seja aproveitando suas folgas nas filmagens de Padre Cícero, no Ceará, seja em Palmeira dos Índios, em Alagoas, sua terra natal, enquanto aguardava o início da filmagem de Fogo Morto. Construiu inclusive, com a ajuda de seus amigos seleiros, um aparelho para usar na perna, durante a filmagem, a fim de dar mais autenticidade ao andar de coxo do personagem.

Othon Bastos é eminentemente um ator de teatro e responsável por alguns dos melhores momentos da criação teatral brasileira. Sua participação no cinema tem sido bissexta, porém sempre revelando grande maestria; basta lembrar suas criações em Deus e o Diabo na Terra do Sol, Capitu, Os Deuses e os Mortos e S. Bernardo.

Rafael de Carvalho é um ator de características fundamentalmente populares, e embora tenha participado de inúmeros espetáculos teatrais e de outras tantas comédias cinematográficas, divide seu tempo principalmente entre espetáculos de folclore e a televisão.

Viver no cinema o personagem Vitorino Carneiro da Cunha, o Papa-Rabo, era um sonho antigo de Rafael, apaixonado pelo livro, pelo personagem e pela Paraíba, seu estado natal.

Além deles, Angela Leal (do elenco de várias novelas da TV-Globo) vive a senhora de engenho, Da. Amélia, mulher de Lula; o brilhante ator e diretor teatral do Grupo Oficina, Fernando Peixoto compõe o cangaceiro Antônio Silvino; o legendário Rodolfo Arena, com seus 50 anos de palco e cinema, faz o cego Torquato; Procópio Mariano revive o negro Passarinho; Mary Neubaeur, a filha de Zé Amaro, Marta; e o romancista e ator paraibano W. Solha, o Tenente Maurício.

DIRETOR

Marcos Farias iniciou sua carreira profissional em cinema, em 1962, após experiência cineclubista e de cinema amador, como diretor de um dos episódios de Cinco Vezes Favela. Produziu, escreveu e dirigiu, desde então, mais de uma dezena de curta-metragens, e firmou-se principalmente como produtor de filmes de longa-metragem, realizados por sua produtora ou em associação com outros produtores, entre os quais Canalha em Crise (1963), ABC do Amor (1965), Todas as Mulheres do Mundo (1966/7), Garota de Ipanema (1967), Perpétuo (1968), A Vingança dos 12 (1969/70), Faustão (1971), S. Bernardo .... (1972), A Cartomante (1974). Em Perpétuo foi além de produtor, argumentista. E acumulou as funções de produção, argumento e direção em A Vingança dos 12 e A Cartomante. Fogo Morto é o 3.º filme de longa-metragem que dirigiu e o 15.º que produziu.

3 Índice por autor

Autor	Nº	Referência / Descrição / Notas
ALÃO, Alícia.	004	ALÃO, Alícia. Curta resgata: o preço da ilusão. Diário Catarinense, Florianópolis, 23 de ago. de 2007. Variedades p. 3
BARRO, Máximo	007	BARRO, Máximo. O preço da ilusão: a história secreta de um filme polêmico. Fala Bernunça: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p.7, jul. ago. 1997.
BARROS, Miguel	014	BARROS, Miguel. Filme brasileiros nos festivais de Cannes e Berlim. **Rio Sul,** Ano 1, n. 3, p. 36, jun. 1976
BUSS, Deluana.	012	BUSS, Deluana. Homenagens ao filme que ninguém viu. A Notícia Santa Catarina, 18 de set. de 2003, Anexo, p. 3
DANTAS, Jorge	015	DANTAS, Jorge. Fogo Morto dos Canaviais a Berlim. **Revista do Coifa**, n.73, p. 4-7, 1976
GIORDANO, Rafaela	011	GIORDANO, Rafaela. A chegada do cinema na capital. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 d ejun. De 2003. Mmória, variedades, p. 3
‘	009	LIMA, Jeferson. O preço da Ilusão: 45 anos depois. A Notícia, 9 de jun. de 2002, Memória, p. 8
MENEZES, Ana Cláudia	013	MENEZES, Ana Cláudia. Sete Dias de vanguarda. A Notícia Santa Catarina, 01 de dez. de 2002, Anexo C6.
MENEZES, Ana Cláudia	008	MENEZES, Ana Cláudia. Jornalista resgata “o preço da ilusão”. A Notícia Santa Catarina. 03 de fev. de 2001. Anexo p. c3
MIGUEL, Salim	001	MIGUEL, Salim. Sul cine produções: o preço da ilusão. Panorama, Curitiba, ano 8, n.73, p. 4-9
PESSOTTO, Carla	010	PESSOTTO, Carla. História de SC em rede nacional. A Noticia Santa Catarina, 10 de maio d e2003. Anexo, Em foco, p. C6
PIRES, zeca	006	PIRES, Zeca. Os 40 anos do primeiro longa-metragem catarinense. Fala Bernunça: Jornal da Fundação Franklin Cascaes, ano 5, n.21, p. 6, jul. ago. 1997.
	002	NÃO ouviu mas conta o Zum Zum da cidade. Zum Zum, Florianópolis, ano 1, n.1, p. 11, jan. 1960.
	003	CINEMA na ilha luzes, câmera, ação. 30 de mar. de 1996.
	005	Cinema. Diário Catarinense, Florianópolis, 29 de nov. de 1992. Revista DC , p. 13